



Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD

ANA ALETHÉA DE MELO CÉSAR OSÓRIO

**LIMITES DA INVISIBILIDADE: A REVISÃO DE TRADUÇÃO NO DICIONÁRIO
INFERNAL**

Brasília
2015

ANA ALETHÉA DE MELO CÉSAR OSÓRIO

**LIMITES DA INVISIBILIDADE: A REVISÃO DE TRADUÇÃO NO
DICIONÁRIO INFERNAL**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Revisão de Textos: Gramática, Linguagem, Construção/Reconstrução do Significado

Orientadora: Prof^a Dr^a Daniele Marcelle Grannier

Brasília
2015

ANA ALETHÉA DE MELO CÉSAR OSÓRIO

**LIMITES DA INVISIBILIDADE: A REVISÃO DE TRADUÇÃO NO
DICIONÁRIO INFERNAL**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Revisão de Textos: Gramática, Linguagem, Construção/Reconstrução do Significado.

Orientadora: Prof^a Dr^a Daniele Marcelle Grannier.

Brasília, 19 de novembro de 2015.

Banca Examinadora

Prof^a. Msc. Clarissa Prado Marini

Prof. Dr. Gilson Ciarallo

Aos tradutores e revisores com quem convivi,
que me ensinaram a virtude da humildade e a
certeza da dúvida.

À minha mãe, a primeira deles.

*O revisor é definido não por seu
conhecimento, mas por seu perfil psicológico.
A revisão é mais que um ofício: é uma neurose. [...]
O exercício de seu ofício pode ser descrito,
precisamente, como uma leitura angustiada.*

Sophie Brissaud, La lecture angoissée,
ou la mort du correcteur,
Cahiers GUTemberg n. 31, 1998, p. 39-40.

*Excessivamente próximo do tradutor
como objeto concreto para leitura e interpretação,
o texto original dele se afasta para assombrá-lo no
duplo sentido da palavra: funciona como uma sombra
em relação a ele e amedronta-o,
enchendo-o de angústia.*

Susan Kampf Lages, Walter Benjamin:
Tradução e Melancolia, 2002, p. 72.

RESUMO

Quando se trata da publicação de traduções no mercado editorial, uma das etapas finais é a revisão da tradução, caracterizada pelo cotejo de texto original e tradução. O revisor de tradução, revisor técnico, ou ainda, tradutor-revisor, além das atribuições habituais de um revisor de textos – que envolvem desde aspectos gráficos, ortografia, coerência e coesão a ideologia e construção do sentido – é responsável pela avaliação da qualidade da tradução e pelas intervenções necessárias para melhorar o texto traduzido e adequá-lo a seu público-alvo. No entanto, a revisão de tradução é tida como atividade menor, secundária, cuja condição de invisibilidade ultrapassa a da tradução. Este trabalho se propõe a situar a revisão de tradução como atividade interventora, por meio da análise das modificações propostas pelo revisor na tradução de uma obra de demonologia e de seres fantásticos do século XIX, o Dicionário Infernal (1863), ainda não publicada. Foram selecionados trinta “erros” de tradução modificados pelo revisor de tradução, classificados neste trabalho em erros binários e não binários, de acordo com a nomenclatura cunhada por Anthony Pym (1993). Com base nesses dados, esta pesquisa busca elucidar as seguintes questões: no que consiste o trabalho de revisão de tradução; em que tipos de “erros” e de que forma o revisor de tradução intervém no texto traduzido; e qual a importância do tradutor-revisor no processo de produção editorial.

Palavras-chave: Revisão. Tradução. Erro. Intervenção.

ABSTRACT

When it comes to publishing translations, one of the final steps is translation revision, characterized by cross-referencing original text and translation. The translation reviser, or technical reviser, in addition to regular copy editing tasks – which involve from graphic aspects, spelling, consistency and cohesion to ideology and construction of meaning – is responsible for assessing the translation's quality and for properly intervening in the translated text to improve and adapt it to its target audience. This study aims to place translation revision as an intervening activity, by analyzing the changes proposed by the translation reviser of a nineteenth century book on demonology and fantastic beings, the *Dictionnaire Infernal* (1863), yet unpublished. Thirty translation “errors” modified by the translation reviser were selected and classified as binary and non binary, according to Anthony Pym (1993). Based on these data, this research seeks to shed light on the following questions: what is translation revision; on what types of “errors” and how the translation reviser intervenes in the translated text; and what is the importance of the translator reviser in the editorial process.

Key words: Revision. Translation. Mistake. Error. Intervention

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 QUADRO TEÓRICO	14
1.1 Revisão de textos	14
1.2 Tradução	18
1.2.1 <i>O modelo Vinay-Darbelnet</i>	19
1.3 Revisão de Tradução	22
1.3.1 <i>Avaliação da qualidade e revisão de tradução</i>	25
1.4 A noção de erro	26
1.4.1 <i>A noção de erro segundo Pym</i>	27
1.4.2 <i>Além do erro: a perspectiva de Frota</i>	28
1.4.3 <i>O erro na revisão de textos</i>	30
2 ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS DADOS	34
2.1 Erros binários	35
2.2 Erros não binários	43
2.2.1 <i>Empréstimos</i>	43
2.2.2 <i>Decalques</i>	45
2.2.3 <i>Traduções literais</i>	47
2.2.4 <i>Inadequações ou singularidades</i>	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	57

INTRODUÇÃO

A tradução, como atividade inerente às trocas culturais, é uma das atividades mais antigas exercidas pela humanidade e que, no entanto, só foi estudada de forma científica a partir do século XX, sobretudo a partir dos avanços trazidos pelos estudos da Linguística. A tradutologia como disciplina autônoma é uma conquista marcante dos anos 1980 (VENUTTI apud OUSTINOFF, 2011, p. 67).

Visto que as traduções no Brasil correspondem a 39% das obras publicadas (OUSTINOFF, 2011, p.52), fica evidente a importância do estudo desse tipo de texto quando se pensa na prática da revisão de textos. Um revisor de textos irá inevitavelmente se deparar, no exercício da sua profissão, com um texto traduzido.

Quando o revisor de textos também tem domínio da língua de origem de um texto, atuando como revisor de tradução, é capaz de avaliar a qualidade tanto do texto de chegada quanto da tradução, isto é, da transposição de uma língua para outra, chegando a intervir no produto final, tanto na forma quanto, até certo ponto, no conteúdo.

Dessa forma, a revisão de tradução é uma das vertentes do exercício da tradução e da revisão de textos. Trata-se de uma atividade complexa, que envolve ler a tradução, voltar ao texto-fonte para resolver problemas pendentes, corrigir o estilo, comparar os textos, avaliar a qualidade da tradução, checar se as especificações do cliente foram atendidas para só então finalizar o processo (SAGER, 1992).

O revisor de tradução atua como “supervisor de qualidade” do trabalho do tradutor, avaliando, além dos aspectos microtextuais e macrotextuais da língua de chegada – que envolvem desde ortografia, coerência e coesão a ideologia e construção do sentido –, outros aspectos específicos, referentes a propósito da tradução, público-alvo, respeito ao estilo do autor e à terminologia adequada, entre tantos outros fatores que podem ser analisados de acordo com o gênero textual e o objetivo da tradução.

Tendo em vista o caráter essencial da revisão de tradução na manutenção da qualidade do texto traduzido, e também de sua ampla presença no mercado editorial brasileiro, é vital tanto para os estudos da Tradução quanto de Revisão de Textos que essa atividade, tida para alguns como secundária, seja compreendida e estudada, conforme a relevância e abrangência que lhe são características.

Como tradutora de formação e revisora de textos por profissão, as trocas entre essas duas áreas do domínio das Letras sempre se fizeram presentes em minha experiência profissional. Por vezes, minha formação como tradutora levou ao direcionamento do trabalho como revisora. Com frequência, trabalhos de revisão de tradução me foram designados, em função do conhecimento da língua de origem e do processo de transposição à língua de chegada, no caso, a língua portuguesa.

Na maioria das ocasiões em que atuei como revisora de textos em um texto traduzido, as intervenções mais diretas, envolvendo até mesmo o *feedback* do autor do original, se deram não só pela aplicação do conhecimento em língua portuguesa, mas pela bagagem acumulada como tradutora, com domínio da língua de partida e das dificuldades inerentes à prática tradutória, tendo em mente a inexistência de equivalência total.

Dessa forma, senti a necessidade de buscar entre a literatura da Tradução o aporte teórico que permitisse maior consciência a respeito do trabalho de revisão de tradução, sobre o qual há pouca bibliografia especializada.

O bacharelado em Letras-Tradução e a especialização em Revisão de Textos proporcionaram a formação necessária para esse “diálogo” entre as duas atividades. Ambas as áreas apresentam estudos amplos e referenciais teóricos sólidos, mas raramente se estabeleceu o diálogo entre os dois campos.

Tendo em vista que a maioria dos tradutores já trabalhou ou trabalha com revisão de tradução e o grande volume de textos traduzidos que circulam nos meios acadêmicos, jornalísticos e literários, que passam posteriormente pelo crivo de um revisor, este trabalho visa contribuir para o enriquecimento da discussão sobre a revisão de tradução.

Para tanto, tem como objetivo principal a descrição e a análise das intervenções do revisor de textos com formação em Tradução, o que chamo de tradutor-revisor, na tradução de um dicionário de seres fantásticos do século XIX, o *Dicionário Infernal*.

Trata-se do Dicionário Infernal, livro de demonologia ilustrada, de autoria de Jacques Albin Simon Collin de Plancy. Apresenta um estudo sistemático de demônios, superstições e crenças variadas em relação ao ocultismo e seres fantásticos em geral, muito comuns durante o século XIX. Em sua folha de rosto, temos uma descrição do conteúdo da obra:

Repertório universal dos seres, dos personagens, dos livros, dos fatos e das coisas que concernem aos espíritos, aos demônios, aos bruxos, ao comércio do inferno, às divinações, aos malefícios, à cabala e às outras ciências ocultas, aos prodígios, às imposturas, às superstições diversas e aos prognósticos, aos fatos atuais do espiritismo, e de modo geral a todas as falsas crenças fantasiosas, surpreendentes, misteriosas e sobrenaturais; (PLANCY, 1863, tradução de Angela Martinazzo).

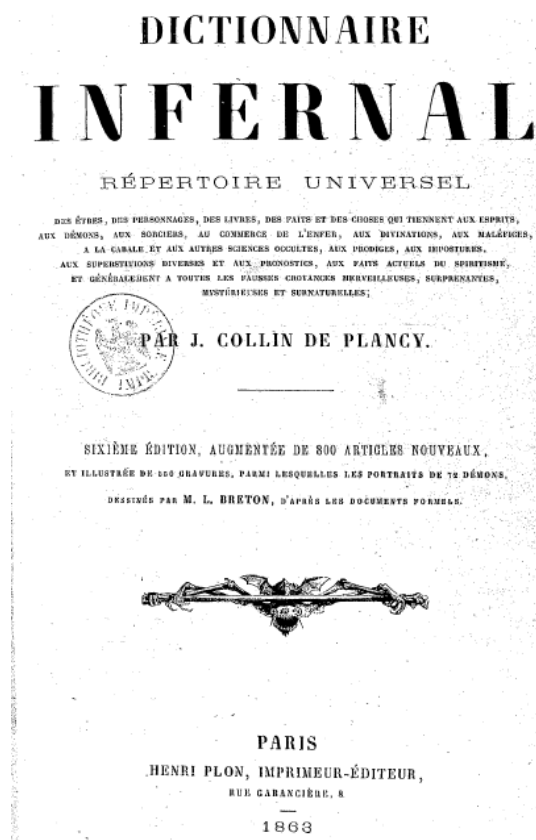
A primeira edição data de 1818, mas a sexta e última edição, datada de 1863, tornou a obra famosa, com o acréscimo de ilustrações de autoria de Louis Breton. São 550 figuras, gravadas por M. Jarrault, que incluem retratos de 72 demônios e outros seres e crenças ligados ao sobrenatural.

O autor, ocultista e demonólogo, a princípio muito influenciado por Voltaire, era bastante cético e não acreditava em superstições. Após se reconverter ao catolicismo, fez consideráveis acréscimos às edições mais recentes do Dicionário, adaptando as descrições dos verbetes às doutrinas da fé católica.

A edição de 1863, com a qual trabalhou a tradutora do Dicionário, incluiu até mesmo um “selo” de aprovação do arcebispo de Arras, Boulogne e Saint-Omer de que não continha nada que pudesse ferir a fé e os costumes.

O obra atualmente é de domínio público e sua tradução para o português, realizada por Angela Martinazzo na década de 1990, será publicada pela Editora UnB em parceria com a Edusp e com o Arquivo Nacional.

Figura 1: Folha de rosto do *Dictionnaire Infernal* (1863)



Por ter formação em Letras-Tradução e domínio da língua francesa, fui designada para realizar a revisão técnica dessa obra nos primeiros meses de atuação como revisora na Editora Universidade de Brasília. O trabalho de cotejo do original em francês (documento em formato pdf com 739 páginas) e da tradução para o português (documento em formato doc com mais de 1.400 páginas) levou quase três meses para ser finalizado.

Durante esse período, listei as intervenções mais significativas, que envolviam a correção de “erros” de tradução, à medida que iam surgindo, em um único arquivo, atualizado diariamente. Nele constava a tradução proposta pela primeira tradutora e as modificações feitas por mim na revisão da tradução, seguidas do número de página e verbete em que se encontravam.

Ressalte-se que a tradução é de excelente qualidade, em vista dos poucos erros que apresenta em sua longa extensão, sobretudo quando se leva em consideração o método empregado – a tradutora trabalhou com fotocópia do material original – e o período em que foi produzida, a década de 1990.

À época, a internet ainda era limitada em termos de acesso e material disponível para consulta e as ferramentas de apoio à tradução (*CAT tools*) ainda estavam em suas versões iniciais.

A princípio, a lista de erros e intervenções foi compilada apenas para fins de controle, no entanto, com a chegada do final do curso de especialização em Revisão de Textos, percebi que tinha nas mãos um material inédito, que poderia suscitar uma reflexão interessante a respeito das intervenções realizadas em uma tradução por um revisor de textos que também tivesse conhecimento da língua em que o original fora escrito, além de acesso ao material original.

Para manter o foco da pesquisa nesse recorte, serão apresentadas aqui apenas as intervenções que envolveram alterações nas escolhas tradutórias e não aquelas típicas da preparação de originais, como questões de ortografia, pontuação, sintaxe ou mesmo de padronização.

Foram selecionados trinta “erros” de tradução modificados pelo revisor de tradução, classificados neste trabalho em erros binários e não binários, de acordo com a nomenclatura cunhada por Anthony Pym (1993). As “correções” em foco serão seguidas de comentários acerca dos métodos empregados pelo tradutor-revisor na busca de equivalência, amparados na literatura da área dos Estudos de Tradução e em outras fontes de pesquisa.

Com base nesses dados, esta pesquisa busca elucidar as seguintes questões: no que consiste o trabalho de revisão de tradução; em que tipos de “erros” e de que forma o revisor de tradução intervém no texto traduzido; e, qual a importância do tradutor-revisor no processo de produção editorial.

O trabalho encontra-se dividido em dois capítulos: no primeiro, apresento o quadro teórico e os conceitos importantes para a análise, relativos às atividades de revisão de textos, tradução e revisão de tradução, bem como as definições de erro empregadas; no segundo, são apresentadas as intervenções do revisor para solucionar “erros” de tradução encontrados do Dicionário Infernal, seguidas de reflexões acerca das estratégias empregadas em casos específicos.

Figura 2: *Dictionnaire Infernal* – primeiros verbetes

LA DANSE DES FÉES.

DICTIONNAIRE INFERNAL.

A

Aaron, magicien du Bas-Empire, qui vivait au temps de l'empereur Manuel Comnène. On conte qu'il possédait les *Clavicules* de Salomon, u'au moyen de ce livre il avait à ses ordres des légions de démons et se mêlait de nécromancie. On lui fit crever les yeux; après quoi on lui oupa la langue, et ce ne fut pas là une victime le quelque fanatisme; on le condamna comme andit: on avait trouvé chez lui, entre autres abominations, un cadavre qui avait les pieds enchaînés et le cœur percé d'un clou. (Nicéas, *Annales*, liv. IV.)

Abaddon, le destructeur; chef des démons de a septième hiérarchie. C'est quelquefois le nom le l'ange exterminateur dans l'Apocalypse.

Abadie (Jeannette d'), jeune fille du village le Siboure ou Siboro, en Gascogne. Délaucré; dans son *Tableau de l'inconstance des démons*, raconte que Jeannette d'Abadie, dormant, un dimanche (le 13 septembre 1609), pendant la sainte messe, un démon profita du moment et l'emporta au sabbat (quoiqu'on ne fit le sabbat ni

le dimanche ni aux heures des saints offices, temps où les démons ont peu de joie). Elle trouva au sabbat grande compagnie, vit que celui qui présidait avait à la tête deux visages, comme Janus, remarqua des crapauds royale-ment vêtus et très-honorés, et fut scandalisée des débauches auxquelles se livraient les sorcières. Du reste, elle ne fit rien de criminel et fut remise à son logis par le même moyen de transport qui l'avait emmenée. Elle se réveilla alors et ramassa une petite relique que le diable avait eu la précaution d'ôter de son cou avant de l'emporter. Il paraît que le bon curé à qui elle confessa son aventure lui fit comprendre en vain les dangers qu'elle avait courus; elle retourna au sabbat et y fit sans scrupule tout ce que Satan ou ses représentants lui conseillaient de faire, se disant à elle-même qu'en faisant le mal prescrit elle n'en était pas responsable. *Voy. SABBAT, BALCOIN, LOUPS-GAROUS*, etc.

Abalam, prince de l'enfer, très-peu connu. Il est de la suite de Paymon. *Voy. ce mot.*

1 QUADRO TEÓRICO

Antes de se proceder à análise das estratégias textuais utilizadas pelo tradutor e, posteriormente, daquelas empregadas pelo revisor, faz-se necessário esclarecer alguns conceitos e pressupostos relacionados à tradução, à revisão de textos e à revisão de tradução, a partir dos quais esta análise será estruturada.

1.1 Revisão de textos

A revisão de textos está presente de maneira concomitante à reprodução de textos desde que a escrita passou a ter convenções ligadas à língua que representava. Consiste em “nova leitura, mais minuciosa de um texto” (HOUAISS, 2009) e em consequentes intervenções ou sugestões por parte do revisor, a fim de conferir ao material escrito correção e clareza, concisão e harmonia, tornando-o inteligível ao leitor. Já segundo Athayde (2011, p.11),

define-se a revisão de texto como o conjunto das interferências não autorais no texto visando sua melhoria. Trata-se da reconsideração alheia a um texto original. As mudanças introduzidas desta reconsideração podem atingir palavras, frases ou parágrafos e ocorrem por supressões, inclusões, inversões ou deslocamentos. A pessoa encarregada dessa tarefa é chamada de revisor de textos, cujo papel é verificar, com o editor da matéria, orientador ou coautores, se há erros de ortografia, se a matéria está corretamente direcionada aos fatos citados, entre outros.

Como atividade profissional oficialmente reconhecida¹ diferencia-se e confunde-se com várias outras, sobretudo aquelas ligadas às atividades jornalísticas. Ainda que a primeira lei criada para regulamentar a profissão² reconheça as funções de revisor e conferente, segundo Rocha (2012, p. 35), a revisão de textos não deve ser confundida com a conferência, que consiste em comparar duas versões de um mesmo documento.

Quanto menos habilitado o revisor for, mais seu trabalho se aproximará da conferência, o que significa nenhuma interferência (saneamento local ou global) no texto. A conferência pode ser uma das fases da Revisão de Texto quando do cotejamento entre as

¹ Corresponde ao código 2611-40 da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), entre os profissionais do Jornalismo. Disponível em: <www.mtecbo.gov.br>. Acesso em 16 jul. 2015.

² Trata-se do Decreto nº 7.858/1945, que dispõe sobre a remuneração e a atividade dos revisores em empresas jornalísticas, estabelecimentos gráficos e organizações privadas.

emendas pedidas na versão anterior com as da versão posterior. Isso não implica dizer que a conferência não tenha sua importância: é essencial para comprovar a veracidade de documentos (atividades de cartórios, por exemplo) e não permitir que textos que já tenham sido distribuídos e consumidos na sociedade (como uma lei) mudem seus aspectos originais. (ROCHA, 2012, p. 35)

Em redações de jornal e algumas editoras, é comum que as atribuições do revisor sejam confundidas com as do copidesque, que tem a função de revisar o texto e adequá-lo às normas editoriais.

O que é copidesque? Muitos a chamam de revisão inicial. Segundo a CBO (2000), copidesque é colocar em forma jornalística as informações objetivas dos repórteres. Para isso, baseia-se nas normas de estilo do jornal, adequando a linguagem aos padrões gramaticais e de comunicação, para possibilitar a publicação das informações em forma de reportagens e noticiário. Daí ter-se a percepção de que a figura do copidesque existe apenas em contextos editoriais e jornalísticos. Mas essa percepção é equivocada segundo o ponto de vista de alguns autores da área de Revisão, para os quais a atividade de copidesque é mais complexa que a de Revisão (MALTA, 2000). Para este autor, o trabalho de copidesque é mais difícil e exigente do que o de Revisão. (ROCHA, 2012, p. 37)

Essa revisão inicial realizada pelo copidesque em empresas jornalísticas, em alguns contextos editoriais é chamada de *preparação de originais*, etapa anterior à composição e à revisão de provas:

Cabe ao preparador conhecer, segundo Pinto (1993), além das condições da obra inteira, a ortografia da língua, a pontuação, aspectos do vocabulário e dos vícios de linguagem mais comuns. Também cabe a ele dominar questões discursivas e de gênero, além de fatos sintáticos e ao menos os rudimentos da produção editorial com que possa contribuir nas etapas de seu trabalho.

O *revisor*, na obra de Pinto (1993), parece algo diferente do preparador. Esse profissional trata da verificação do texto, da revisão de provas, etapa adiantada do processo de edição, em que a obra já sofreu tratamento gráfico ou programação visual. A incumbência do profissional da revisão é “o cotejo da prova com o original sem compromisso com o conteúdo do texto e limitado apenas aos erros tipográficos”. (RIBEIRO, 2007, p. 6)

Para Ribeiro (2007, p.8) “a diferenciação entre o copidesque e o revisor de provas pode ser difícil de praticar, mas parece ser parte de uma prática antiga na coordenação das tarefas dos produtores de livros” ainda que as atividades se confundam e o termo copidesque esteja caindo em desuso³:

³ Diz Rodrigo Goulart em seu livro, *Assessoria de Imprensa* (Clube de Autores, 2007, p.27):

Morissawa (2008a, p. 10) destaca que “a função do preparador de originais é realizar a normalização do texto de acordo com as exigências do conteúdo e o estilo da casa, e eliminar aparas, constituindo com seu trabalho uma espécie de controle de qualidade”. Já a copidescagem, tantas vezes sinônima da preparação, é uma atividade exercida por um “profissional que reescreve, edita o texto original, sempre em negociação com editor e autor”. (D’ANDREA; RIBEIRO, 2010, p. 71)

Já a etapa de revisão de provas, associada à figura do revisor por vários autores, é ligada ao cotejo de provas e originais, mais próxima da conferência e menos complexa do que a copidescagem ou até mesmo a preparação.

É muito comum que, nesse esquema, um profissional seja pago como revisor ou preparador de originais quando na verdade a tarefa que lhe é exigida é de copidesque, de adaptação e mesmo de redação. Os profissionais da área sabem que cada uma dessas tarefas exige tempo e habilidade diferentes e por isso tinham preços diferentes no mercado. Hoje existe uma pernicioso tendência a nivelar essas tarefas, por baixo quanto ao preço e por cima quanto às exigências de qualidade. (GOMES, 1988 apud YAMAZAKI, 2007, p. 3)

Rocha (2012, p. 65), ao analisar a perspectiva de outros autores da área, também detecta a mesma visão reducionista da atividade de revisão, quase invisível, limitada à revisão de provas:

O revisor, sob esse ponto de vista do qual também compartilha Malta (2000) e Medeiros (1995, 2002), é uma marionete que só checa aquilo que foi pedido no processo de produção de texto. Isso fica claro quando ela afirma que a função do revisor é organizar, normalizar e revisar originais chamados de preparação. Isso evidencia, também, que a função de revisor é esvaziada de intelecto e mecanizada.

Soa limitada essa visão do revisor de textos como responsável apenas pelo cotejo, sem autonomia para intervir na estrutura do texto como um todo, sobretudo nos dias de hoje, em que há uma indefinição quanto às nomenclaturas dos profissionais do texto e uma sobreposição de funções.

Até a função de editor, em suas várias atribuições, pode ser desempenhada por um revisor de textos. Mesmo autores como Antonio Houaiss – na obra *Elementos de Bibliologia*, cuja primeira edição data de

“Redatores: Cada vez mais em desuso. Especialmente o copidesque, como era chamado o redator mais experiente e que retrabalhava as principais matérias dos jornais.

1967– ao tratar de preparação de originais, apresentam o preparador de originais como revisor, editor de texto e editor:

“Admitamos a hipótese de sermos um profissional cujo nome, através dos tempos, tem sido nobremente de revisor”, explica (HOUAISS, 1981, p. 67).

E nesse trecho inicial do parágrafo já fica evidente a dificuldade de definir quem é esse profissional do texto, que ora é revisor, ora é editor ou editor de texto, ora é preparador. (YAMAZAKI, 2007, p.6)

Quer seja responsável pela programação visual, quer seja o profissional comprometido com a legibilidade, a clareza e a precisão do texto, o revisor de textos, no cotidiano de redações e editoras, não se diferencia tanto, a não ser em termos hierárquicos, do editor.

As definições estão tão intrincadas que por vezes adota-se a expressão genérica “editor de texto” para denominar todos os profissionais que atuam na etapa posterior à redação de um texto alheio, como preparadores, copidesques, revisores de prova, assistentes editoriais, etc., ainda que se tenha a consciência que “o debate sobre os nomes ainda está longe de se elucidar, sobretudo na prática cotidiana” (YAMAZAKI, 2008, p. 1).

O que depreendemos desse cenário é que o revisor de textos pode atuar em várias etapas da produção de um texto, sendo responsável em cada uma delas, em maior ou menor grau, com mais ou menos autonomia, pelos aspectos micro e macrotextuais do material que revisa. É responsável por adequar pontuação, acentuação, aspectos gráficos, citações, abreviaturas, bibliografia, erros de digitação, redundâncias, coerência das informações, etc., sem perder de vista a legibilidade, os aspectos estilísticos e os propósitos comunicativos do texto, muitas vezes mantendo diálogo direto com o autor.

Ao propor um paradigma multimodal para a revisão de textos, Rocha traz considerações fundamentais para a compreensão da atuação desse profissional na atualidade:

Observei que o papel do revisor vai muito além da Revisão tradicional em que foca apenas o material linguístico, verificando erros gramaticais, ou seja, da forma escrita. Percebi, por exemplo, que é preciso estar atento ao contexto em que se insere o material revisado, incluindo-se os discursos que se projetam e as ideologias que o permeiam. (ROCHA, 2012, p. 83).

1.2 Tradução

A tradução é “uma atividade humana realizada através (sic) de estratégias mentais empregadas na tarefa de transferir significados de um código linguístico para outro”, segundo Barbosa (1990, p.11).

Para Oustinoff (2011, p.76)

A prática da tradução remonta, como já foi dito, à noite dos tempos. Os escritos sobre o traduzir são raríssimos antes da época contemporânea: as operações em jogo parecem tão evidentes que ninguém se dá ao trabalho de descrevê-las.

Ainda que tida como algo “natural”, a complexidade da atividade tradutória sempre suscitou reflexão acerca de seu processo. Os pontos de tensão ainda hoje debatidos, como a divergência entre tradução livre e literal, conteúdo e forma, já eram preocupações constantes desde a antiguidade. Conforme afirmam Batalha e Pontes Jr. (2007, p. 15),

Balizada por um texto-fonte, durante toda a sua história, principalmente no que concerne os textos literários e religiosos, a tradução apresentou um conflito entre dois polos: de um lado, a tradução literal e a fidelidade da forma; e, de outro, a tradução livre, que prioriza o conteúdo.

Roman Jakobson (2007, p. 65) distingue três espécies de tradução: a tradução intralingual, ou reformulação (velha conhecida dos revisores de texto); a tradução interlingual, de uma língua para outra ou tradução propriamente dita; e a tradução intersemiótica, que consiste na interpretação dos signos linguísticos por meio de sistemas não linguísticos.

Para este trabalho será analisada a segunda espécie, visto que a obra analisada aqui foi traduzida do francês, língua-fonte ou língua de partida, para o português, língua-alvo ou língua de chegada.

Ainda segundo Oustinoff (2011, p. 53), os esquemas expostos nas obras de tradutologia, mesmo que complexos, derivam da seguinte fórmula fundamental:

LP [língua de partida] → LC [língua de chegada]

A flecha simboliza a transferência linguística constituída pela tradução e que confirma a etimologia [“traduzir” = “conduzir” (“ducere”), “levar para o outro lado” (“trans”)]. Mesmo assim, a oposição entre a letra e o espírito não desapareceu por completo, mas tende a se focalizar na questão da língua: de um lado, os “pró-fonte”; de outro, os “pró-alvo”.

Uns privilegiariam o “texto fonte”, os outros, “o “texto alvo” (ou “a cultura fonte” e a “cultura alvo” etc.)

As escolhas lexicais, semânticas ou de estilo caracterizam o posicionamento do tradutor, ou “horizonte do tradutor” (BERMAN apud OUSTINOFF, 2011, p.77), no sentido pró-fonte ou pró-alvo. Com ênfase na cultura de partida ou cultura de chegada, estarão sempre presentes no produto final, de forma explícita ou não, variando conforme a natureza do texto a ser traduzido, gerando traduções “estrangeirizadoras” ou “domesticadoras”, conforme classificou Venutti (2002).

A domesticação corresponderia às modificações sofridas por uma obra estrangeira para que esta se adapte ao universo da língua-alvo, “retirando-lhe as características exóticas e apagando as diferenças, de modo que o leitor sintá-se ‘familiarizado’ com aquela obra, acarretando conseqüentes distorções semânticas e a conseqüente perda de traços culturais [...]”. (VENUTTI, 2002, apud BATALHA; PONTES JR., 2007, p.86).

Ao conceito de estrangeirização corresponde “a manutenção de elementos estilísticos e lexicais nas obras traduzidas, abrindo espaço para o que vem de fora e proporcionando ao leitor o sentimento da experimentação do ‘estrangeiro’”. (VENUTTI, 2002, apud BATALHA; PONTES JR., 2007, p.87).

1.2.1 O modelo Vinay-Darbelnet

Em 1958, com a publicação de *Stylistique comparée du français et de l’anglais: méthode de traduction*, Vinay e Barbelnet buscaram subsídios na linguística saussuriana, estrutural e na linguística para o estudo da tradução. (BARBOSA, 1990, p. 22).

Obra de referência no ensino da tradução, enfatiza os aspectos práticos de uma metodologia da tradução, preocupando-se em descrever os fenômenos envolvidos no próprio processo de tradução, por meio de exemplos. É retomada em determinados aspectos neste trabalho por fornecer “base teórica para os métodos de tradução atualmente em uso.” (VENUTTI, 2000, p. 69-70).

Embora já tenha sido ultrapassada por abordagens contestativas da corrente estrutural – como a de Deslile (1984 apud BATALHA; PONTES JR., 2007, p. 52) que critica seu enfoque em comparações linguísticas e não na construção de sentido –, serviu para classificar alguns dos erros encontrados, muito mais pela terminologia adotada por seus autores (ainda em uso) do que por configurar um método ou modelo de tradução aplicável.

Os erros a serem analisados distribuem-se em um contínuo e têm nas categorias delineadas com base em Vinay e Darbelnet apenas pontos de caracterização mais clara: não são de forma alguma categorias estanques.

Vinay e Darbelnet enumeram sete procedimentos técnicos da tradução, divididos nos eixos da tradução direta e da tradução oblíqua, conforme reproduzido na obra de Barbosa (1990, p. 23):

Quadro 1: Procedimentos técnicos da tradução segundo Vinay e Darbelnet

TRADUÇÃO DIRETA	EMPRÉSTIMO
	DECALQUE
	TRADUÇÃO LITERAL
TRADUÇÃO OBLÍQUA	TRANSPOSIÇÃO
	MODULAÇÃO
	EQUIVALÊNCIA
	ADAPTAÇÃO

Fonte: Barbosa (1990, p. 23)

A tradução direta seria o mesmo que tradução literal ou *palavra por palavra*, “tanto mais possível quanto maior for a semelhança entre as duas línguas em questão” (BARBOSA, 1990, p.24). Não seria aplicável nos casos em que: a tradução palavra por palavra tivesse significado diverso do original; não tivesse significado algum; fosse estruturalmente impossível; não tivesse correspondência no contexto cultural da língua da tradução ou tivesse correspondência, só que em outro registro.

Dentro da categoria de tradução direta, o procedimento da tradução literal seria um “procedimento pré-tradutório: o tradutor faria a tradução literalmente [...] e, resultando impossível a tradução literal, passaria a empregar procedimentos mais complexos.” (BARBOSA, 1990, p.24). O primeiro procedimento de tradução direta é o empréstimo,

o mais fácil de todos, segundo Vinay e Darbelnet (1977), pois consiste em copiar, ou utilizar a própria palavra da LO [língua original] no texto da LT [língua da tradução] (doravante TLT). Vinay e Darbelnet (1977) afirmam que este procedimento deve ser usado quando não houver, na LT, um significante que tenha o mesmo significado expresso pelo significante empregado no TLO [texto da língua original]. [...] O texto na LO pode conter um termo novo, para o qual a LT ainda não possui equivalente. De preferência a recorrer a uma definição ou explicação, o tradutor pode utilizar pura e simplesmente o termo da LO, que se torna, daí por diante, um *empréstimo*.

Já o decalque é definido como o procedimento pelo qual “a palavra ou expressão é adaptada à ortografia da língua da língua da tradução: futebol, líder, buquê, fim de semana.” (BARBOSA, 1990, p.27). Podem, com o tempo, ser incorporados à nova língua ou manter seu caráter estrangeiro. Veremos nos exemplos retirados do Dicionário Infernal que esses procedimentos de tradução direta foram os mais utilizados pela tradutora e, posteriormente questionados pela revisão de tradução.

Entre os procedimentos de tradução oblíqua temos a transposição, que “consiste em um afastamento, no plano sintático, da forma do texto da língua original” (BARBOSA, 1990, p.28). Envolvem os casos em um significado que era expresso por uma categoria gramatical na língua original passa a ser expresso por outra categoria na tradução.

Na modulação “há uma mudança de ponto de vista, ou de foco, na expressão da mensagem em cada um das línguas envolvidas na tradução.” (BARBOSA, 1990, p.28). Ocorre por razões estilísticas ou por adequação sintática à língua de chegada.

A equivalência “é utilizada em casos onde [sic] as duas línguas em confronto dão conta da mesma situação através [sic] de meios estilísticos e estruturais totalmente diversos” (BARBOSA, 1990, p.29). Ocorre quando não há semelhança ou aproximação possível entre as duas línguas e o texto de

chegada, como os casos de tradução do “repertório fraseológico, dos idiotismos, clichês, interjeições e onomatopeias”. (BARBOSA, 1990, p.29).

O último procedimento da tradução oblíqua é a adaptação, considerado como o limite extremo da tradução. “Aplica-se em casos onde [sic] a situação extralinguística a que se refere o TLO não existe no universo cultural dos falantes da LT”. (BARBOSA, 1990, p.30). Envolve casos de *equivalência de situação*, em que uma situação deve ser recriada por outra julgada equivalente pelo tradutor em outro contexto cultural.

Para este trabalho, os procedimentos de Vinay e Darbelnet são de grande valia, pois o modelo desses autores coloca a tradução literal em posição privilegiada, e sua realização ou não, a depender do caso, está implicitamente ligada à noção de erro na tradução. (BARBOSA, 1990, p.31).

Essa postura é conveniente ao trabalho de cotejo realizado na revisão de tradução, sobretudo na busca do objeto de estudo desta análise, os erros de tradução. A partir dessa noção é que se pode buscar outras estratégias e relativizar a noção de erro, o que permite ao tradutor-revisor sugerir outras soluções e contribuir para a precisão e adequação do material traduzido.

1.3 Revisão de Tradução

A partir de um texto traduzido – produzido dentro de um contexto específico e para um público determinado – começa o trabalho do tradutor-revisor. Tal atividade, antes de tudo, envolve as atribuições usuais de um revisor de textos:

Revisar é apor vista a alguma coisa; é ler o texto a fim de consertar-lhe possíveis “erros”, sejam eles relativos à estrutura (redação, digitação, tipografia etc.) ou ainda relativos ao aspecto linguístico de adequação do modo como o conteúdo é apresentado/exposto. (ROCHA, 2012, p. 95)

O domínio da língua de chegada, frequentemente a língua materna, é condição essencial para o exercício tanto da tradução como da revisão de textos. Segundo Querido (2004, p.42),

Outra habilidade necessária para o tradutor é a capacidade de revisar, não só na língua materna, como também na segunda língua. O tradutor precisa, assim, aplicar seu repertório linguístico nas duas

línguas durante o processo de revisão. Mais uma vez, ele recorre ao seu senso crítico como leitor e analisa cada aspecto que pode ser mudado, melhorando ou corrigindo o texto traduzido.

Por exigirem alto grau de proficiência e envolverem habilidades complexas, as atividades de tradução e revisão exigem um amplo espectro de habilidades, das mais corriqueiras, como conferência ortográfica e tipográfica, às mais refinadas, que envolvem sensibilidade para aspectos macrotextuais, desde múltiplos contextos semânticos a questões culturais.

Não é raro que a revisão e a tradução coexistam de forma indistinta na prática profissional. Para Alves et al. (2006, p. 18), “o conhecimento da língua e o uso de um dicionário não são requisitos únicos da tarefa do tradutor. Este deve contar com outro tipo de habilidades, tais como saber buscar informações em outras fontes além dos dicionários”. Tais requisitos também são condições *sine qua non* para a formação de um bom revisor de textos.

Coelho Neto (2008, p. 62, grifo nosso) lista como atribuições do revisor de textos:

- Revisar os originais (ou provas, ou heliográficas, ou fofolitos) aprovados para edição por: editoras, gráficas, agências de publicidade, autores, mestrados, doutorados, preparadores de originais de quaisquer instituições etc.
- **Revisar, se tiver experiência, traduções, cotejando-as com os originais** (necessita de um auxiliar, em tais casos).
- Revisar textos a serem disponibilizados na internet.
- Revisar livros já publicados, objetivando uma edição revista (e/ou ampliada).
- Proceder a quantas revisões forem acordadas com o cliente.

Para Yamazaki (2007, p. 2), “no caso de um texto traduzido, por exemplo, pode haver: revisão de tradução, cotejo da tradução, revisão técnica e copidesque”. Essas atividades também aparecem entre as atribuições do revisor arroladas por Malta (2000, p. 16 apud RIBEIRO, 2007, p.9), tidas pelo autor como uma descrição “moderna”, especialmente do revisor que trabalha para editoras:

- Revisar os originais aprovados para edição pelas editoras;
- **Revisar (se tiver conhecimento de outros idiomas) as traduções, cotejando-as com os livros originais);**
- Revisar as segundas provas, tomando como base as primeiras e, quando necessário, reportando-se aos originais (inclusive, ainda se preciso, ao livro);

- Revisar (menos comum, mas ocorre) terceiras provas, tendo como base as segundas;
- Examinar (a palavra “revisar” não caberia bem aqui) as heliográficas (não é muito comum, mas se o revisor for funcionário de uma editora, acabará fazendo esse trabalho);
- Revisar (incomum, mas acontece) filmes que deram ou darão origem a heliográficas; e , finalmente,
- Rer ler livros já publicados, em função de modificações que o autor quer fazer para uma nova edição, ou quando se desconfia que a edição publicada contém erros. (MALTA, 2000, p. 16, grifo nosso).

Apesar de bem estabelecida e vital para qualquer linha de produção editorial que envolva textos traduzidos, a atividade de revisão de tradução nem sempre é vista como essencial. No mercado editorial, a revisão, por ser uma etapa posterior e considerada menos interventora do que a tradução, pois não envolve criação, é tida como atividade menor, quase invisível:

a revisão em geral é vista como uma atividade neutra, imparcial e, muitas vezes, mecânica, que contribui para o resultado final de um texto sem deixar marcas visíveis de sua participação no processo de escrita. [...] Essa ideia da revisão como uma atividade acessória tem implicações práticas para a realidade profissional do revisor. Em muitas empresas, sejam agências de notícias, editoras, escritórios de tradução ou prestadores de serviços linguísticos, a revisão é considerada uma etapa inferior às outras etapas de editoração de um texto, muitas vezes sendo mais mal remunerada e menos reconhecida do que as demais. (SANTOS, 2007, p. 109).

Dentro da própria prática da tradução, a revisão é considerada como atividade menos intelectual, sem potencial cocriador. O próprio Sindicato Nacional dos Tradutores⁴ indica em sua tabela que o valor para a revisão de tradução é de “50% do valor da tradução ou versão”. Em consequência disso, o tradutor-revisor ou revisor de tradução é visto como um profissional de segunda categoria:

No caso do processo de tradução de um texto, é comum se ouvir que o revisor é um tradutor frustrado, que não tem talento o suficiente para traduzir, então acaba optando pela revisão, uma atividade que demanda muito menos capacidade. Por esse motivo, também neste mercado, o revisor é visto como um profissional inferior e menos competente do que o tradutor; alguém que deve manter a imparcialidade e a invisibilidade de seu trabalho enquanto o tradutor ocupa um posto visível e quase coautorial na construção do significado. Também no mercado tradutório é o revisor um profissional mais mal remunerado e menos reconhecido do que o tradutor. (SANTOS, 2007, p. 109-110)

⁴ Disponível em: <<http://www.sintra.org.br/site/?p=c&pag=precos>>. Acesso em 10 jul. 2015.

No entanto, essa visão por vezes se mostra equivocada, pois o tradutor-revisor também pode ser aquele que tem mais experiência, que domina tanto o idioma da tradução quanto o original, além das regras de padronização e de produção editorial, acumulando habilidades distintas que permitam uma ação direta na melhoria da qualidade final do produto:

No caso da revisão de tradução, um perfil ideal do revisor seria que ele também fosse tradutor, para que conhecesse bem as demandas, as escolhas e as decisões envolvidas no processo tradutório. Mais sensato seria se ele fosse também um tradutor mais experiente e mais capacitado do que os tradutores cujo trabalho revisa, pois caberá a ele a tarefa de avaliar as escolhas e as decisões tradutórias de seus colegas. Em alguns escritórios de tradução, adotou-se a prática de promover os melhores tradutores da casa a “tradutores-revisores”, ficando estes responsáveis também pela revisão e avaliação do trabalho de seus colegas e, por esse motivo, sendo mais bem remunerados do que os tradutores comuns. (SANTOS, 2007, p. 110-111).

No caso da revisão de tradução do *Dicionário Infernal*, a atuação do tradutor-revisor se deu fora de hierarquias profissionais. Como foi muito posterior à realização da tradução⁵, deu-se no sentido de, além de manter o padrão da publicação e das escolhas do tradutor, buscar melhores equivalentes pragmáticos e semânticos, adequados ao contexto de recepção pelo leitor do texto traduzido.

1.3.1 Avaliação da qualidade e revisão de tradução

Ao revisar um texto traduzido, o que tradutor-revisor faz, na verdade, é avaliar a qualidade daquele texto para, a partir desse julgamento e caso necessário, fazer intervenções ou modificações no intuito de melhorá-lo ou torná-lo mais adequado ao público ou a um contexto específico. Dessa forma, ao fazer essa análise, algumas questões são cruciais:

Como saber quando uma tradução é boa? Essa questão simples está no cerne de todas as preocupações da crítica de tradução. Mas não apenas isso, pois ao se tentar avaliar a qualidade de uma tradução também se debate o cerne de toda teoria da tradução, ou seja,

⁵ Segundo informação verbal da Coordenação de Produção da Editora UnB, a tradução do *Dicionário Infernal* data da década de 1990 e desde então o material traduzido aguardava seguimento das etapas de produção editorial posteriores.

a questão crucial da natureza da tradução ou, mais especificamente, a natureza da relação entre um texto-fonte e sua tradução. (HOUSE, 2001, p. 244)

Para Juliane House, supracitada, a equivalência é o critério fundamental para se avaliar a qualidade de uma tradução, apesar de reconhecer que

é óbvio que a equivalência não pode ser associada apenas a semelhanças formais, sintáticas e lexicais, porque quaisquer dois itens linguísticos em duas línguas diferentes são multiplamente ambíguos, e porque as línguas dividem a realidade de maneiras diferentes” (HOUSE, 2011, p. 247)

O modelo de House, apesar de suas bases pragmáticas, pode ser útil ao se analisar um texto como a tradução do *Dictionnaire Infernal* por sua ênfase na equivalência.

Três aspectos do “significado” são particularmente importantes para a tradução: semântico, pragmático e textual, em que a tradução é vista como a recontextualização de um texto em L1 por um equivalente semântico e pragmático em L2. (HOUSE, 2011, p. 247).

1.4 A noção de erro

Ao descrever as tarefas do revisor, Pinto (1993 apud RIBEIRO, 2007, p. 6) menciona, entre elas “descobrir quaisquer erros que tenham sido cometidos na composição e dar instruções para sua correção”. O simples uso de *quaisquer* nessa definição, conforme veremos, dá margem a diversas interpretações sobre o que busca o revisor de textos e quais os limites para suas intervenções em um texto.

Como já mencionado, seja ligada a aspectos microtextuais como a ortografia, ou mais banais como a digitação, seja ligada a aspectos culturais numa tradução, a noção de erro permeia o dia a dia daquele que manipula um texto a fim de adequá-lo a um propósito. Visto que, a depender do profissional e da própria atividade que desempenha – revisão de textos, revisão técnica ou revisão de tradução –, o conceito de “erro” pode ser muito distinto, faz-se necessário distinguir aqui o que se entende por “erro” para se proceder à análise e descrição dos dados.

1.4.1 A noção de erro segundo Pym

Entre os teóricos da Tradução, o australiano Anthony Pym (1992) considera que a competência tradutória pode ser usada para definir um erro de tradução como manifestação de um defeito em qualquer fator envolvendo as seguintes habilidades: gerar, para um mesmo texto-fonte, uma série de textos-alvo com mais de um termo viável; selecionar um texto-alvo a partir dessa série, de forma rápida e confiante, e propor tal texto-alvo como um substituto para o texto-fonte para propósito e leitor específicos.

Com base nessa premissa, o autor fez uma divisão aparentemente simples em seu artigo *Epistemological problems in translation and its teaching — a seminar for thinking students* (1993), adotada neste trabalho. Para ele, nas traduções pode haver dois tipos de erro: os binários, chamados de *mistakes*, e os não binários, chamados de *errors*.

Os erros binários seriam oriundos de escolhas erradas, em situações em que há claramente uma resposta certa e uma errada. Frota (2008, p. 143-144), citando Pym, define-os da seguinte maneira:

Os erros binários são assim qualificados na medida em que implicam uma oposição radical entre o que é consensualmente tido como certo e o que é consensualmente tido como errado, a começar pelo próprio autor do erro. Nesse caso, “uma determinada escolha é errada quando ela deveria ter sido correta, e não há nuances entre uma e outra, não há gradações” (1993: 102). Segundo Pym, embora seja muito comum na tradução esse tipo de erro e profissionalmente perigoso lhe dar pouca atenção, ele não consiste em um erro de natureza propriamente tradutória, mas sim linguística (ortográfica, gramatical, semântica); o tipo de conhecimento que o erro binário contraria, explica ele, é muito importante para o tradutor, mas é *pressuposto* na competência tradutória, razão pela qual nas aulas de tradução não devemos “desperdiçar muito tempo com eles”, deixando que sejam tratados prioritariamente nas aulas de língua (ibidem, p. 109).

De natureza tradutória seriam os erros não binários, nos quais a distinção entre certo e errado não é tão clara, não há uma separação nítida. Para Pym (1992, p.282), “o não binarismo requer que o texto-alvo selecionado seja contraposto a pelo menos mais um dos textos-alvo que poderia ter sido selecionado, e só então às respostas erradas”. Santos (2007, p. 44) define de forma mais sucinta:

Ele [Pym] classifica como não binários todos os erros tradutórios em si, que seriam as opções do tradutor que não nos agradam como a melhor escolha possível, mas que também não podemos simplesmente classificar como erradas. São, por exemplo, casos em que há mais de uma tradução possível para determinado termo e o tradutor opta por um termo genérico demais ou mais específico do que o necessário.

Pym reconhece que esses dois termos não são “nem um pouco técnicos” (1992, p. 282-283), no entanto, são uma “maneira elegante” de descartar abordagens ingênuas acerca da tradução, além de fornecerem um quadro de definições a partir do qual se podem realizar pesquisas empíricas.

1.4.2 Além do erro: a perspectiva de Frota

Os conceitos de erros binários e não binários de Pym são importantes para o ensino e a pesquisa em Tradução e serviram de base para a análise de dados a seguir. No entanto, como estamos tratando de língua, ciência humana, e de transposições culturais muitas vezes carregadas de percepções subjetivas, é necessário fazer algumas ressalvas quanto a uma classificação dicotômica das escolhas tradutórias.

Maria Paula Frota (2008) distingue dos erros óbvios – causados por ignorância do tradutor com relação a algum aspecto linguístico, cultural ou contextual do tradutor de algum aspecto do texto – os lapsos de leitura e escrita de motivação inconsciente.

Não se trata de desqualificar as noções de certo e de errado; sem dúvida precisamos preservá-las, já que há escolhas tradutórias que são, como dito, consensualmente aceitas ou consensualmente rejeitadas. Porém, sabemos que não são nada raras aquelas escolhas que não contam com aceitação unânime, mas que são aceitas por alguns leitores, plenamente capazes de justificá-las. Pym pressupõe uma região de nuances ou gradações (*shades* ou *clines*) entre o certo e o errado (*right* e *wrong*). No entanto, se ele entende que todas as escolhas tradutórias que não se situam no polo do que é indiscutivelmente certo consistem em escolhas erradas, ainda que em graus menos óbvios – os *errors* –, pode-se presumir que ele desconsidera as variações subjetivas nos julgamentos relativos a tais escolhas. (FROTA, 2008, p. 146).

Com esse questionamento, ela pretende suscitar a reflexão sobre outro tipo de erro, aquele que não chega a ser uma unanimidade e que goza de aceitação e mesmo de justificativa entre alguns leitores. Sabendo que

raramente existe uma única tradução correta, ela propõe uma alternativa em que

ficam preservadas as noções de certo e errado, atribuíveis àquelas escolhas que na avaliação de um grupo não dão margem a questionamento ou discussão, e assume-se como alternativa a esses extremos uma região que, situada entre eles, acolheria as escolhas que não contam com uma avaliação consensual, que suscitam um grau variável, maior ou menor, em suas aceitações subjetivas. (FROTA, 2000, p. 147).

Ou seja, diferentemente de Pym, para ela haveria uma terceira noção, intermediária, de erros não binários, que não configurariam erros em si, passíveis de correção, e sim escolhas passíveis de reflexão e discussão, para então serem enquadradas em uma gama de soluções possíveis, quase sempre a partir de escolhas subjetivas.

A contribuição de Frota para esta análise se dá no sentido do “esvaziamento da noção extrema de certo, ou, se preferirmos, a ampliação da noção de certo em diferentes pontos daquela zona de nuances ou gradações” (FROTA, 2000, p. 148), mais adequada à avaliação das escolhas tradutórias de um terceiro do que a lógica dicotômica. Aos erros binários e não binários, Frota acrescenta o conceito de *singularidade*:

uma vez havendo o cotejo, há uma importante diferença entre o lapso de tradução e a *singularidade*. Por consistir o primeiro em erro flagrante e indiscutível, ele passa a ser plenamente visível como todos os demais lapsos de escrita: só “cego” não o vê. Quanto à *singularidade*, a situação é bem mais obscura, mesmo paradoxal, em decorrência, por um lado, de ela não constituir um erro unânime e, por outro, de os críticos de tradução em geral seguirem parâmetros extremos de avaliação. Ou seja, uma ocorrência de caráter não binário é julgada por uma lógica binarista. Desse despreparo para conviver com “rupturas obedientes” ou “submissões malcomportadas” resulta a forte tendência de, se percebidas, as singularidades serem alocadas em uma ou outra das categorias existentes (FROTA, 2000, p. 239, grifo nosso).

O conceito de singularidade de Frota também foi incorporado por Santos em sua dissertação acerca da natureza interventória da revisão de tradução. Para ela:

Podemos entender a singularidade como casos em que não há um consenso no julgamento de determinada tradução em termos de certo ou errado. São escolhas que alguns falantes conseguem justificar plenamente, mas que não são de aceitação unânime, por se tratarem de escolhas inconscientes. No leque da singularidade, para fins deste trabalho, podemos incluir casos de preferência estilística e casos de

escolhas mais felizes. Ou seja, casos em que uma modificação do revisor ocorre por uma questão de gosto pessoal e casos em que a alteração feita na revisão acaba por se provar uma opção mais feliz de tradução. A grande maioria dessas alterações não consegue ser justificada por ser uma escolha subjetiva e inconsciente do revisor. (SANTOS, 2007, p. 46)

Para esta análise, as singularidades se sobrepõem aos erros não binários, ou seja, alguns dos erros não binários encontrados são classificados como singularidades. Apesar de Frota condenar a classificação das singularidades entre as categorias binárias de Pym, neste trabalho elas figuram entre os erros não binários por terem sido modificadas pelo revisor, mesmo que não fossem tidas como categoricamente erradas. Nesses casos, os “erros” não binários, bem como as estratégias que levaram às escolhas tradutórias, são discutidos em termos de adequação ao contexto e ao público leitor.

Tem-se a consciência de que as intervenções do tradutor-revisor, ainda que embasadas em várias outras fontes e *corpora*, não deixam de ser escolhas subjetivas, da mesma forma que as escolhas iniciais do tradutor. Igualmente ciente dessas particularidades, Santos conclui sobre a noção de erro na revisão de tradução:

[...] o avaliador deve levar em conta que a noção de erro não pode ser vista binariamente como certo e errado. Ele deve trabalhar com a visão “alternativa a esses extremos” que Frota propõe, analisando cada caso dentro desse “grau variável” de aceitação, sem adotar uma postura radical ou autoritária nas correções e modificações que fizer. Essa noção de erro como uma gradação está de acordo com a visão wittgensteiniana de avaliação como um jogo. É no decorrer do jogo que o avaliador vai decidir, a cada caso, em que lugar dessa linha gradativa se encontra cada ponto que estiver avaliando. Não podemos afirmar que os extremos *certo* e *errado* não são alternativas possíveis. Eles podem ocorrer, sim, mas não são as únicas possibilidades de avaliação disponíveis. (SANTOS, 2007, p. 46)

1.4.3 O erro na revisão de textos

Mesmo na visão de um leigo, quando se pensa na atividade de revisão de textos, quase inevitavelmente há menção à “correção de erros”, independentemente da natureza deles, seja ortográfica, sintática, de coerência ou adequação ao veículo e público leitor. Athayde (2001, p. 14, grifo nosso) afirma que:

A função básica do revisor profissional de textos é ler o texto à procura de incorreções, atuando como um fiscal da língua e da linguagem. Ele deve corrigir *erros* sintáticos, ortográficos e de pontuação, além de adequar melhor os recursos linguísticos. É também responsável pela leitura do texto final impresso, comparando-o a seu respectivo original.

Não é raro mesmo no cotidiano da profissão – em órgãos públicos, empresas, editoras ou redações de jornal – que o revisor seja visto por outros profissionais como um “inspetor”, ainda que sua atuação requeira intervenções muito mais sofisticadas, e que demandam mais autonomia e poder de decisão, do que a mera correção ortográfica. Yamazaki (2008, p. 2) critica a estreiteza dessa visão:

No senso comum, a revisão é considerada uma atividade profissional que visa corrigir erros dos textos e oferecer uma obra sem erros. Trata-se de uma visão puramente normativa, decorrente de uma concepção também normativa que domina o discurso sobre língua nos grandes meios de comunicação (com as colunas de dúvidas gramaticais, por exemplo). Qualquer um “com bom português” e/ou “que saiba bem a gramática” acaba, dessa forma, sendo visto como potencial candidato a revisor. A competência gramatical, contudo – e mesmo o saber enciclopédico e cultural –, é apenas uma das muitas que o profissional deve adquirir para realizar a tarefa. Pois eliminar os erros de um texto é um dos vários subobjetivos da revisão e da preparação, as quais também implicam garantir um texto mais claro e acessível, que atinja seu público leitor de modo eficaz.

A natureza da atividade de revisão de textos envolve, indiscutivelmente, a correção de “erros”. O que é passível de questionamento, no caso, é a definição do que seriam esses erros e se poderiam ser assim classificados. Na perspectiva da linguística, sobretudo da sociolinguística, o próprio conceito de erro é questionável:

No primeiro modo de ver as coisas, isto é, na perspectiva das ciências da linguagem, *não existe erro na língua*. Se a língua é entendida como um sistema de sons e significados que se organizam sintaticamente para permitir a interação humana, toda e qualquer manifestação linguística cumpre essa função plenamente [...]. A noção de “erro” – que está no segundo modo de ver a língua [o do senso comum] – se prende a fenômenos sociais e culturais, que não estão incluídos no campo de interesse da Linguística propriamente dita, isto é, da ciência que estuda a língua “em si mesma”, em seus aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos etc. (BAGNO, 2007, p. 61).

Bagno (2007) ressalta o caráter de constructo social do “erro”, oriundo do estudo da Gramática Tradicional e carregado de preconceitos, caracterizado por uma visão negativa da variação e da mudança,

características das línguas. A noção de erro está, assim, ligada à supervalorização da língua em sua modalidade escrita e na variante que reflete os usos das classes sociais urbanas com acesso à escolarização formal e à cultura legitimada historicamente pelos grupos que controlam o poder social. Conseqüentemente, a escala de gravidade dos “erros” é inversamente proporcional à escala do prestígio social do indivíduo que os comete.

Defende uma reeducação sociolinguística, em que sejam reconhecidos os juízos de valor que pesam sobre cada uso da língua e na qual não tenham mais lugar posições extremadas e autoritárias acerca da dinâmica da vida em sociedade, o que inclui o papel da língua na construção das identidades, conforme resume Rocha (2012, p. 87):

Correto não é o mesmo que adequado. São expressões que não se confundem teoricamente. [...] em contraposição à noção de “erro”, e à “tradição da queixa” derivada dela, a ciência Linguística oferece os conceitos de variação e mudança. Enquanto a GT tenta definir a “língua” como uma entidade abstrata e homogênea, a Linguística concebe a língua como uma realidade intrinsecamente heterogênea, variável, mutante, em estreito vínculo com a realidade social e com os usos que dela fazem os seus falantes. Uma sociedade extremamente dinâmica e multifacetada só pode apresentar uma língua igualmente dinâmica e multifacetada.

Assim, de modo a contemplar as diversas variedades e a mudança linguística, o ideal seria não utilizar os termos “certo” e “errado”, e sim os termos “adequado” e “inadequado”.

Ao se usar “correto”, assume-se todo um preconceito linguístico que não considera a variação linguística – seja nos níveis regionais, sociais ou contextuais –, fruto, como vimos em Bagno, de uma tradição gramatical. Já em relação ao uso de “adequado”, assume-se um posicionamento teórico linguístico e social diferente, em que se leva em consideração os contextos e os usos linguísticos adequados. (ROCHA, 2012, p. 88).

No entanto, é importante ressaltar que, embora se adotem os termos adequado/inadequado e a perspectiva da sociolinguística, a noção de “erro” permanece presente na prática da revisão de textos como aquilo que atrapalha a legibilidade, principalmente em categorias que escapam aos

condicionamentos sociais e ideológicos, como os erros de composição,⁶ digitação e as regras de padronização das publicações.

A partir dessa perspectiva, a “caça ao erro” deixa de ser a prioridade e a essência da atividade de revisão e edição de textos, dando lugar à busca pela legibilidade, nos termos de Yamazaki:

[...] o propósito dos editores de texto não é corrigir erros num texto, mas sim divulgar uma obra clara, que seja acessível a um público vasto. É claro que a supressão dos erros, a busca por um texto sem lapsos de nenhum tipo, também faz parte da atividade de edição, mas na medida em que o erro pode prejudicar a legibilidade textual ou visual. Acreditamos que essa ideia é fundamental para avaliar e propor uma concepção de edição sem preconceitos, pois muda o foco, que deixa de ser a obsessão pelo erro para se assumir como obsessão pela legibilidade. (YAMAZAKI, 2008, p.2).

A autora, por outro lado, ao tratar de preparação de originais na publicação de livros, lembra que há casos em que um texto pode estar correto do ponto de vista gramatical, livre de “erros” e, no entanto, não pode prescindir do trabalho de revisão/edição. O trabalho de adequação realizado pelo revisor, ou editor, de textos, vai muito além da noção de erro e contempla uma gama de ajustes de todo tipo a realidades linguísticas e propósitos sociocomunicativos.

Ele [o editor] precisa reconhecer que a língua portuguesa não se reduz àquela consagrada pela gramática normativa tradicional e por quase todas as fontes de referência e consulta usadas nas editoras. Existe um painel rico e complexo da língua real falada e escrita no Brasil, que deve ser conhecido e reconhecido pelos profissionais de texto. [...] Só quem conhece profundamente as regras da gramática tradicional e tem experiência com edição de texto é capaz de questionar as regras gramaticais da variedade-padrão e optar por outras variedades. Decidir por um uso não aceito pelas regras normativas está longe de ser uma solução simples, a opção mais fácil do editor ou do autor. Antes de tomar uma decisão, o profissional deve avaliar, por exemplo, o gênero textual e o público leitor, entre vários outros elementos implicados na edição de um texto. (YAMAZAKI, 2008, p.4)

A análise dos dados a seguir mostra como a atividade do tradutor-revisor também engloba intervenções características de um editor de textos, sobretudo em relação à adequação ao público-alvo.

⁶ Ribeiro (2007, p. 7) identifica entre os erros de composição “saltos”, “piolhos”, “pastéis”, “gatos” e “gralhas”: saltos são omissões de letras, palavras ou frases, por exemplo; piolhos são sinais ou letras duplicados, ou ainda qualquer pequeno erro tipográfico; pastéis são inversões indevidas; gatos são trocas indevidas; e gralhas são caracteres que sobram no texto.

2 ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS DADOS

Como já mencionado na introdução, os dados apresentados a seguir foram retirados da lista de intervenções feita durante o trabalho de revisão de tradução do *Dicionário Infernal*.

Dessas intervenções, foram selecionadas aquelas que poderiam ser consideradas como correção de erros, de acordo com a divisão de Pym (1992) em binários e não binários. Segundo esse autor, os erros binários (*mistakes*) são assim classificados conforme uma noção consensual de certo e errado, enquanto a classificação dos erros não binários (*errors*) já não segue uma distinção tão clara.

Vale ressaltar que tais categorias abarcam uma gama enorme de escolhas tradutórias, antes suscitando a pesquisa e o debate a respeito de equivalência do que apontando para noções dicotômicas de certo e errado. Segundo Santos (2007, p. 44)

se toda tradução exige um certo nível de adaptação, mesmo que em momentos pontuais, certas modificações do texto-fonte feitas pelo tradutor no texto-alvo não podem ser consideradas como erros pelos avaliadores. A prática nos força a encarar noções como fidelidade, adaptação e interpretação em termos de gradações. Consequentemente, também teremos que pensar o erro da mesma forma. Se modificações e intervenções são necessárias, não podemos trabalhar com conceitos dicotômicos de certo e errado. É preciso que se analise cada situação problemática para daí avaliar se ocorre realmente um erro ou uma imprecisão, uma má escolha ou mesmo uma adaptação.

Diante disso, é importante ressaltar que determinadas escolhas da tradutora do *Dicionário Infernal* foram classificadas como erros apenas por uma questão de filiação teórica (Pym e Frota), pois não se trata de uma noção absoluta. O ideal seria grafá-los como “erros”, para deixar claro que se trata de um conceito relativo. No entanto, como já se fez essa ressalva no quadro teórico – e também por uma questão gráfica, para não poluir o texto visualmente –, neste trabalho optou-se por não utilizar as aspas.

Outra ressalva que precisa ser feita, retomando a citação de Santos acima, em que a autora recomenda “que se analise cada situação problemática”, é com relação às estratégias do tradutor-revisor para verificar a equivalência de determinados termos. Os métodos e fontes empregados –

pesquisa em dicionários bilíngues, monolíngues, sites de busca, enciclopédias, etc. – serão discutidos caso a caso a seguir, de forma que não foram arrolados na metodologia indicada nas páginas introdutórias.

Os erros binários foram apenas listados na ordem em que surgiram; já os não binários, por sua vez, foram subclassificados em quatro categorias: a) traduções literais; b) decalques; c) empréstimos, conforme a estratégia de tradução utilizada e com base no modelo Vinay-Darbelnet; e d) inadequações ou singularidades, por sua natureza *sui generis* e com base na proposta de Frota (2000).

Posto isso, apresento a seguir quinze erros binários e quinze erros não binários encontrados na tradução, além de discorrer sobre as estratégias utilizadas tanto pelo tradutor ao fazer suas escolhas iniciais, quanto pelo tradutor-revisor ao modificá-las.

2.1 Erros binários

Sem dúvida o trabalho mais relevante que o tradutor-revisor pode realizar durante uma revisão técnica é encontrar erros na tradução e corrigi-los, atuando de forma mais direta.

Por melhor que seja o trabalho do tradutor, assim como o autor cujo contato diário com a obra compromete seu olhar crítico, ele nunca está livre de erros, mesmo os mais banais, tidos antes como problemas de língua ou erros binários. Em geral são lapsos de natureza lexical, sintática ou semântica, “sujeitos à correção rápida e pontual”, segundo Pym (1992, p. 7).

Nas páginas seguintes serão apresentados quinze erros do tipo binário, na ordem em que surgiram, ou seja, ordem alfabética dos verbetes em que se encontram.

As estratégias do tradutor e do revisor serão discutidas nos cinco primeiros exemplos, retirados dos verbetes *Abaris* (*Abaris*), *Partos Prodigiousos* (*Accouchements Prodigeux*), *Alberto Magno* (*Albert le Grand*), *Basilisco* (*Basilic*) e *Catalepsia* (*Catalepsie*), dos quais constam também reproduções do texto original e do texto traduzido modificado pela revisão de tradução. Logo em seguida, há um quadro com outros dez erros binários, do qual consta transcrição dos textos do original e da tradução pós-revisão.

No *Dicionário Infernal*, a primeira intervenção em erro binário deu-se logo nas primeiras páginas, no verbete *Abaris*:

Figura 3: Verbetes *Abaris* do original

Abaris, grand prêtre d'Apollon, qui lui donna une flèche d'or sur laquelle il chevauchait par les airs avec la rapidité d'un oiseau; ce qui a fait que les Grecs l'ont appelé l'*Aérobate*. Il fut, dit-on, maître de Pythagore, qui lui vola sa flèche, dans laquelle on doit voir quelque allégorie. On ajoute qu'Abaris prédisait l'avenir, qu'il apaisait les orages, qu'il chassait la peste; on conte même que, par ses sciences magiques, il avait trouvé l'art de vivre sans boire ni manger. Avec les os de Pélops, il fabriqua une figure de Minerve; qu'il vendit aux Troyens comme un talisman descendu du ciel: c'est le Palladium qui avait la réputation de rendre imprenable la ville où il se trouvait.

O texto traduzido apresentado para revisão era o seguinte:

Figura 4: Verbetes *Abaris* da tradução

Abaris, sumo-sacerdote de Apolo, que lhe ofertou a flecha de ouro sobre a qual ele cavalgava pelos ares com a rapidez de um pássaro; isso fez com que os gregos ~~lhe o~~ chamassem "o Aeróbata". Diz-se que foi mestre de Pitágoras, o qual ~~lhe~~ roubou ~~lhe~~ a flecha, no que se deve identificar alguma espécie de alegoria. Acrescenta-se, ainda, que Abaris predizia o futuro, apaziguava as tempestades, expulsava a peste; conta-se mesmo que, por meio de suas ciências mágicas, havia descoberto a arte de viver sem beber nem comer. Com os ossos de Pélops, fabricou uma imagem de Minerva, que vendeu aos troianos como um talismã caído do céu; é o ~~paladineádio~~ que gozava da reputação de tornar inexpugnável a cidade onde se encontrasse.

O termo *palladium* tem o seu correspondente em português, paládio, "qualquer objeto sagrado à guarda do qual se confiava a segurança de uma cidade ou estado", conforme a segunda acepção do termo apresentado pelo dicionário HOUAISS (2009). Torna-se ainda mais evidente que se trata de um objeto sagrado, uma imagem de Minerva, no caso.

Percebe-se pelas marcas de revisão que, além da intervenção esperada de um revisor de texto com relação à regência do verbo chamar e ao uso obrigatório de próclise após pronome relativo, o tradutor-revisor corrigiu um

erro de tradução.⁷ O termo em francês *palladium* havia sido traduzido por “paladino” em português, cavaleiro errante ou indivíduo destemido e cavalheiresco, o que em nenhuma de suas acepções corresponde ao original em francês.

No verbete Partos Prodigiosos (*Accouchements Prodigieux*), temos o segundo exemplo:

Figura 5: Verbetes *Accouchements Prodigieux* do original

Accouchements prodigieux. Torquemada, dans son *Examéron*, cite une femme qui mit au monde sept enfants à la fois, à Médina del Campo; une autre femme de Salamanque qui en eut neuf d'une seule couche. Jean Pic de la Mirandole assure qu'une femme de son pays eut vingt enfants en deux grossesses, neuf dans l'une et onze dans l'autre. *Voy.* IRMENTRUDE, TRAZEGNIES, IMAGINATION. Torquemada parle aussi d'une Italienne qui mit au monde soixante-dix enfants à la fois; puis il rapporte, comme à l'abri du doute, ce que conte Albert le Grand, qu'une Allemande enfanta, d'une seule couche, cent cinquante enfants, tous enveloppés dans une pellicule, grands comme le petit doigt et très-bien formés¹.

A expressão *à l'abri du doute* foi traduzida literalmente por “como que protegido pela dúvida”. Essa tradução direta soa demasiado estrangeira, além de incorreta do ponto de vista semântico – poderíamos pensar antes em “protegido **da** dúvida”, e não “**pela** dúvida”.

⁷ Não discutirei aqui a questão da colocação pronominal ou da pontuação, pois não é específica do tradutor-revisor. O trabalho deste último também engloba as questões microtextuais do cotidiano da revisão, no entanto, o escopo deste trabalho é analisar as escolhas que envolvam o par linguístico francês-português.

Figura 6: Verbetes *Partos Prodigiosos* da tradução

Partos prodigiosos. Torquemada, no seu *Hexamerão*, cita uma mulher que deu à luz sete filhos de uma vez, em Medina del Campo, e uma outra mulher de Salamanca que teve nove num só parto. Pico de-la Mirandolea assegura que uma mulher de sua terra teve vinte crianças em duas gravidezes; nove em uma e doze na outra. Vide Irmentrude, Trazegnies, Imaginação. Torquemada fala também de uma italiana que trouxe ao mundo setenta filhos de uma vez; ele relata, ~~como que protegido pela dúvida para se respaldar~~, a história contada por Alberto Magno em que uma alemã deu à luz, num só parto, cento e cinquenta crianças, todas elas envolvidas por

Após cogitar outras opções, como a tradução literal “ao abrigo da dúvida” ou “sem sombra de dúvida”, foi necessária a intervenção de outra tradutora, o orientadora deste trabalho, para uma possível solução – o que reforça a importância da alteridade para a revisão.

No trecho, depreende-se que Torquemada cita a história fantástica de Alberto Magno para validar a sua, igualmente inacreditável. A solução a que se chegou foi “para se respaldar”.

Também binário em sua natureza é o erro na tradução do artifício medieval conhecido como *feu grégeois*, citado no verbete referente a Alberto Magno (*Albert le Grand*):

Figura 7: Verbetes *Albert le Grand* do original

talismans cabalistiques, découvrir les trésors, se servir de la main de gloire, composer l'eau ardente et le feu grégeois, la jarretière et le bâton du voyageur, l'anneau d'invisibilité, la poudre de sympathie, l'or artificiel, et enfin des remèdes contre les maladies, et des gardes pour les troupeaux. *Voy.* ces divers articles.

A tradução apresentada pela tradutora foi fogo cru, não encontrada em dicionários ou enciclopédias. O termo original *feu grégeois*, no entanto, tinha um verbete na Wikipédia, cuja versão em português era fogo grego, tradução literal. Esse termo foi encontrado em mais de 600.000 páginas da internet, incluindo páginas de química e de história.

Figura 8: Verbetes *Alberto Magno* da tradução

diabo. Não obstante, ela traz a maneira de fazer e desfazer o "nó da agulheta", a composição de diversos filtros, a arte de saber por sonhos quem será o futuro cônjuge, os segredos da dança, como multiplicar os pombos, ganhar no jogo, recuperar o vinho estragado, fazer talismãs cabalísticos, descobrir tesouros, utilizar a mão de glória, fabricar a essência de terebintina e o fogo ~~erugrego~~, a ligadura e o bastão do viajante, o anel da invisibilidade, o ouro artificial, e por fim remédios contra as moléstias e protetores para os rebanhos. Vide esses diversos artigos.

Ademais, na tradução específica do verbete *feu grégeois*, a tradutora optou por fogo grego, e não fogo cru como escolhera no verbete *Albert le Grand*, embasando a escolha do tradutor-revisor. Teria sido um erro de digitação ou falta de padronização? De qualquer maneira, a questão foi resolvida.

Figura 9: Verbetes *Feu grégeois* do original

Feu grégeois. *Du terrible feu grégeois et de la manière de le composer.* « Ce feu est si violent qu'il brûle tout ce qu'il touche, sans pouvoir être éteint, si ce n'est avec de l'urine, de fort vinaigre ou du sable. On le compose avec du soufre vif, du tartre, de la sarcocole, de la picole, du sel commun recuit, du pentréole et de l'huile commune; on fait bien bouillir le tout, jusqu'à ce qu'un morceau de toile qu'on aura jeté dedans soit consumé; on le remue avec une spatule de fer. Il ne faut pas s'exposer à faire cette composition dans une chambre, mais dans une cour; parce que si le feu prenait, on serait très-embarrassé pour l'éteindre². »

Figura 10: Verbetes *Fogo grego* da tradução

Fogo grego. *Do terrível fogo grego e da maneira de fabricá-lo.* "Esse fogo é tão violento que incinera tudo o que toca, e não pode ser extinto senão com urina, vinagre forte ou areia. É elaborado com enxofre vivo, tártaro, sarcocola, picola, sal comum recozido, pentreola e óleo comum; ferve-se bem a mistura, até que um pedaço de pano colocado dentro do caldo se consuma; utiliza-se uma espátula de ferro para remexê-lo. Não se deve preparar esse composto num quarto fechado, mas em um pátio aberto, pois se o fogo atear, será muito difícil apagá-lo"²².

Houve outros casos de erros ainda mais graves, como o terceiro exemplo, em que o monstro mitológico Basilisco foi traduzido erroneamente por basílica, como se pode ver nas reproduções a seguir:

Figura 11: Verbetes *Basilic* do original

Basilic, petit serpent, long d'un demi-mètre, qui n'a été connu que des anciens. Il avait deux ergots, une tête et une crête de coq, des ailes, une queue de serpent ordinaire, etc. Quelques-uns disent qu'il naît de l'œuf d'un coq couvé par un serpent ou par un crapaud. Boguet, au chapitre xiv de ses *Discours des sorciers*, le fait produire de l'accouplement du crapaud et du coq, comme le mulet naît d'un âne et d'une jument.

Figura 12: Verbetes *Basilisco* da tradução

Basilisco, pequena serpente de meio metro de comprimento, que somente os antigos chegaram a conhecer. Ela possuía dois esporões, cabeça e crista de galo, asas, uma cauda de serpente comum, etc. Alguns dizem que ela nasce do ovo de um galo que foi chocado por uma serpente ou por um sapo. Boguet, no capítulo XIV dos seus *Discursos dos feiticeiros*, descreve-a como fruto da união entre um sapo e um galo, assim como o mulo nasce de um asno e de uma jumenta.

É crença ainda difundida no interior que os velhos galos põem um ovo, do qual nasce uma serpente. Esse pequeno e imperfeito ovo, como se sabe, é somente o efeito de uma doença comum às galinhas; excusado provar o absurdo de tal fantasia.

[ilustração pág. 81]

É possível que os antigos, nas suas experiências, tenham tomado ovos de serpente por ovos de galo. Vide Galo. Seja como for, acredita-se que **a basilisco basilisco** possui um olhar fatal; Mathiole pergunta-se, todavia, como se soube que **a basilisco basilisco** mata com o olhar, se todos que **ao** viram morreram. Cita-se ainda a narrativa de certo historiador, qual, durante o cerco de Alexandre o Grande a uma cidade da Ásia, uma **basilisco** dispôs-se a

A atuação do tradutor-revisor também foi essencial para livrar a tradução de erros banais, que se assemelham a erros de digitação ou de composição, como os pastéis, inversões indevidas de letras.

É o caso do quarto exemplo, no verbete *Catalepsia (Catalepsie)*, em que o termo referente aos acometidos por essa doença, *catalépticos (cataleptiques, no original)*, foi traduzido por *catapléticos*. O acometido por catalepsia, doença que se inscreve no quadro da esquizofrenia, conserva seus membros numa posição dada por terceiros. Já o acometido por cataplexia, o cataplético, tem perda repentina do tono muscular provocada por emoção forte,

às vezes associada a um irresistível desejo de dormir. (HOUAISS, 2009). Trata-se de uma imprecisão por parte do tradutor.

Figura 13: Verbete *Catalepsie* do original

Catalepsia, aparência de apoplexia, estado que resulta, diz o Sr. Lecouturier, "numa insensibilidade capaz de fazer suportar sem dor a operação cirúrgica mais cruel. A catalepsia é causada pela obstrução dos agentes nervosos. Disso nasce uma singular combinação de rigidez e de flexibilidade nos músculos, o que faz com que os catapléticos, completamente imóveis por si próprios, se deixem guiar em todos os movimentos regulares e permaneçam fixos em todas as posições normais em que são colocados. Pode-se mesmo fazê-los assumir posturas sofríveis, nas quais seria impossível ao homem mais robusto se manter."

Figura 14: Verbete *Catalepsia* da tradução

Catalepsie, semblance d'apoplexie, état d'où résulte, dit M. Lecouturier, « une insensibilité capable de faire supporter sans douleur l'opération chirurgicale la plus cruelle. La catalepsie est causée par l'obstruction des agents nerveux. Il en naît une singulière combinaison de roideur et de souplesse dans les muscles, qui fait que les cataleptiques, complètement immobiles par eux-mêmes, se laissent aller à tous les mouvements réguliers qu'on leur imprime et restent fixés dans toutes les attitudes normales qu'on leur communique. On peut même leur faire prendre des attitudes pénibles dans lesquelles il serait impossible à l'homme le plus robuste de se maintenir. »

Para facilitar a visualização e análise, segue um quadro com outros dez erros binários, de natureza semelhante aos já apresentados:

Quadro 2: Intervenções do tradutor-revisor em erros binários

Original	Tradução	Tradução após revisão	Verbetes/localização
Son âme revint après sa mort et se manifesta à la manière de ce qu'on appelle aujourd'hui les esprits frappeurs.	Sua alma retornou após sua morte, manifestando-se à maneira do que se conhece hoje em dia por espírito espancador.	Sua alma retornou após sua morte, manifestando-se à maneira do que se conhece hoje em dia por espírito batedor.	Alice de Télioux (p. 46)

On trouve, parmi beaucoup de fatras, des choses curieuses sur les gnomes, les sylphes, les ondines et les salamandres [...]	Encontram-se, entre muita mixórdia, coisas curiosas sobre os gnomos, os silfos, os ondinos e as salamandras [...]	Encontram-se, entre muita mixórdia, coisas curiosas sobre os gnomos, os silfos, as ondinas e as salamandras [...]	Argens (Boyer d') p. 102
Despilliers se moqua et lui envoya.	Despilliers mofou de sua simplicidade e despediu-o.	Despilliers zombou de sua simplicidade e o dispensou.	Despilliers (p.423)
[...] l'encens qui s'y recueillait se mettait à grands monceaux en certaine place, non loin du port où les marchands abordaient.	[...] o incenso que se colhia nas redondezas era amontoado num lugar não muito longe do porto, onde os mercadores abordavam.	Na região sachalita, que vem a ser o reino de Tartas, o incenso que se colhia nas redondezas era amontoado num lugar não muito longe do porto onde os mercadores atracavam.	Incenso (p. 481)
Cet édifice ayant été brûlé du temps de Sylla, Auguste fit ramasser tout ce qu'il put de fragments détachés des vers sibyllins [...]	Depois do incêndio ocorrido nesse edifício foi incendiado, no tempo de Sula, Augusto mandou reunir tudo o que foi possível dos fragmentos isolados dos versos sibilinos [...]	Tendo esse edifício se incendiado no tempo de Sula, Augusto mandou reunir tudo o que foi possível dos fragmentos isolados dos versos sibilinos [...]	Sibilas (p. 1206)
Sort. On appelle sort ou sortilège certaines paroles [...]	Sorte. Dá-se o nome de sorte ou sortilégio a certas palavras [...]	Sortilégio. Dá-se o nome de sortilégio ou feitiço a certas palavras [...]	Sortilégio (p.1243)
Si une stryge a mangé un home, et qu'elle en soit convaincue, elle payera une amende de huit mille deniers [...]	Se uma estrige devorou um homem e se ela o confessar, pagará uma multa de oito mil dinheiros [...]	Se uma estrige devorou um homem e se ela o confessar, pagará uma multa de denários [...]	Estriges (p. 1260)
Styx, fontaine célèbre dans les enfers des païens.	Estígia, fonte célebre nos infernos dos pagãos.	Estige, fonte célebre nos infernos dos pagãos.	Styx (p.1261)
Trithème (Jean), savant abbé de l'ordre de Saint-Benoît, qui chercha à perfectionner la stéganographie ou l'art d'écrire em chiffres	Trithemius (Johannes), sábio abade da ordem de São Benedito, que buscou aprimorar a estenografia ou a arte de escrever em cifras.	Trithemius (Johannes), sábio abade da ordem de São Benedito, que buscou aprimorar a esteganografia ou a arte de escrever em cifras.	Trithemius (p. 1325)

Fonte: elaborado pela autora.

2.2 Erros não binários

Em outro grupo de intervenções, há um tipo de erro mais interessante, pois não se trata de uma simples troca de termos ou digitação incorreta por parte do tradutor. Trata-se de escolhas equivocadas na estratégia de tradução, inadequações, como empréstimos ou traduções literais, que muitas vezes são polissêmicas ou redundam em erro.

É o caso dos erros não binários, oriundos de situações em que não há uma separação nítida entre certo e errado. Pym (1992) afirma que erros dessa natureza são erros de tradução por definição, em oposição aos erros binários, de natureza linguística (ortográfica, gramatical, semântica, etc.). O autor chega mesmo a definir o ensino de tradução como “a soma de atos de comunicação por meio dos quais erros não binários de tradução são produzidos e convertidos em seu oposto, a saber, competência tradutória” (PYM, 1992, p.5).

Para exemplificar a atuação do tradutor-revisor em erros não binários, foram selecionados quinze erros desse tipo, subdivididos em quatro categorias: 2 deles são empréstimos; 4 são decalques; 3 são traduções literais, de acordo com o modelo Vinay-Darbelnet; e 6 são inadequações de naturezas variadas, ou singularidades, conforme proposto por Frota (2000).

Ressalte-se novamente o caráter de distribuição em um contínuo desses erros: as categorias não são rígidas e podem até mesmo se sobrepor; apenas foram caracterizadas conforme a terminologia emprestada de Vinay-Darbelnet, pois não se trata de aplicação daquele modelo à análise a seguir.

2.2.1 Empréstimos

Em duas ocorrências em que não encontrou equivalente, a tradutora optou por deixar os termos em francês, configurando empréstimo. É o caso do tipo de crustáceo *aselle*, mantido na forma francesa de substantivo feminino pela tradutora. No entanto, tal escolha não se justifica, pois um termo equivalente, o substantivo masculino *aselho*, já consta dos dicionários Priberam

e Caldas Aulete, apesar de não constar do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa – VOLP.⁸

Com base nessas informações, a revisão de tradução substituiu o empréstimo pelo termo dicionarizado em português:

Figura 15: Verbetes *Aselle* do original

Aselle. L'aselle aquatique, espèce de cloporte, était révérée des Islandais, qui croyaient qu'en tenant cet insecte dans la bouche, ou son ovaire desséché sur la langue, ils obtenaient tout ce qu'ils pouvaient désirer. Ils appelaient son ovaire sec *pietre à souhaits*.

Figura 16: Verbetes *Aselho* da tradução

que os execu... guida, avistaram o corpo em pedaços e o
 comeram. Su... e... fato singular.
Aselho, AO aselho aquático, espécie de bicho-de-conta, era reverenciada pelos islandeses, os quais acreditavam que, colocando tal inseto na boca ou o seu ovário dessecado sobre a língua, obteriam tudo que pudessem desejar. Chamavam a esse ovário seco *pedra dos desejos*.

No outro empréstimo feito pela tradutora, a revisão de tradução optou por criar uma palavra, fazendo uso de um decalque, por não encontrar correspondente em português. É o caso do verbete *criériens*, mantido em francês pela tradutora e substituído pela tradutora-revisora por *crieriano*, um neologismo tradutivo.

⁸ **Aselho** s. m. || (zool.) gênero de crustáceos da ordem dos isópodes, que compreende animais de corpo oblongo, deprimido, cauda de um só artigo grande e arredondado com dois apêndices bipartidos. O *aselho* de água doce (*Asellus vulgaris*) tem também o nome de *bicho de conta-aquático*. F. lat. *Asellus* (burrinho). Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/aselho#ixzz3e83ztymd>>. Acesso em 25 jun. 2015. Cf. também: <<http://www.priberam.pt/dlpo/aselho>>.

Figura 17: Verbetes *Criériens* do original

Criériens, fantômes des naufragés; que les habitants de l'île de Sein, en Bretagne, croient entendre demander la sépulture, à travers ce bruit sourd qui précède les orages. Les anciens Bretons disaient : « Fermons les portes, on entend les criériens; le tourbillon les suit. »

Figura 18: Verbetes *Crierianos* da tradução

desse rapaz tentou se repetir a emissão, pronunciando as mesmas palavras, em vão". Vide Cosquinom ana.alethea, 23/09/2014 10:25:00 excluído: Criériens [liv. II, p. 155.](#)

Criériens**Crierianos**, fantasmas dos naufragos, que os habitantes da ilha de Sein, na Bretanha, acreditam ouvir implorarem pela sepultura, em meio a esse barulho surdo que precede as tormentas. Os antigos bretões diziam: "Fechemos as portas, ouvem-se os **eriérienscrierianos**; o turbilhão os acompanha".

2.2.2 Decalques

Outro procedimento adotado de maneira equivocada foi o decalque, similar ao empréstimo, mas adaptado à ortografia da língua da tradução. É o que ocorreu em quatro casos nos gentílicos encontrados nos verbetes *Alkalai* (*Alkalaï*) e *Demônios* (*Démons*) e *Sanaves* (*Sanaves*), a seguir:

No verbete *Alkalaï*, no original, há ocorrência do termo *kamtschadales*, em referência aos habitantes da península de Kamchatka, grafado atualmente sem o "s" em dicionários e enciclopédias francesas – *kamtchadale*.⁹

A tradutora do Dicionário Infernal optou por um termo novo, que se aproxima mais do decalque do que da criação de um neologismo, *kamischdales*. Esse termo não se encontra em dicionários ou no VOLP, nem em páginas em português da internet. A revisão de tradução optou por uma explicação do termo: povos da península de Kamchatka.

⁹Segundo as fontes consultadas, a grafia do termo já variou bastante, variando entre versões sem o "s" ou sem o "t". Cf. <<http://www.cnrtl.fr/definition/kamtchadale>> e <<http://encyclopedie.universelle.fr/academic.com/159399/kamtchadale>>. Acesso em 25 jun. 2013.

Figura 19: Verbete *Alkalai* do original

Alkalalai, cris d'allégresse des Kamtschadales; ils le répètent trois fois à la fête des balais, en l'honneur de leurs trois grands dieux, *Filiat-Chout-Chi*, le père; *Touita*, son fils, et *Gaëtc*, son petit-fils. La fête des balais consiste, chez ces peuples sales, à balayer avec du bou-leau le foyer de leurs cabanes.

Figura 20: Verbete *Alkalai* da tradução

Alkalalai, grito de alegria dos kamischadales povos da península de Kamchatka; eles o repetem três vezes durante a festa das vassouras, em honra aos seus três

O mesmo se deu em duas ocorrências no verbete *Demônios* (*Démons*): com o termo francês *moluquois*, em referência aos habitantes das Ilhas Molucas, traduzido por *molucos* e substituído na revisão pela forma dicionarizada *molucanos* (HOUAISS, 2009); e com o termo *chingulais*, traduzido por *chiguleses* e substituído por *cingaleses*, em referência aos habitantes do Ceilão (HOUAISS, 2009) como se pode verificar a seguir:

Figura 21: Verbete *Démons* do original

Les Moluquois s'imaginent que les démons s'introduisent dans leurs maisons par l'ouverture du toit et apportent un air infect qui donne la petite vérole. Pour prévenir ce malheur, ils placent à l'endroit où passent ces démons certaines petites statues de bois pour les épouvanter, comme nous hissons des hommes de paille sur nos cerisiers pour écarter les oiseaux. Lorsque ces insulaires sortent le soir ou la nuit, temps attristé par les excursions des esprits malfaisants, ils portent toujours sur eux comme sauvegarde un oignon ou une gousse d'ail, un couteau, quelques morceaux de bois; et quand les mères mettent leurs enfants au lit, elles ne manquent pas de mettre l'un ou l'autre de ces préservatifs sous leur tête.

Les Chingulais pour empêcher que leurs fruits ne soient volés annoncent qu'ils les ont donnés aux démons. Dès lors, personne n'ose plus y toucher.

Figura 22: Verbetes *Demônios* da tradução

Os molucos molucanos, imaginam que os demônios se introduzem em suas casas pela abertura do teto e trazem um ar infecto que provoca as bexigas. Para se protegerem desse mal, eles colocam certas estatuetas de madeira no lugar onde devem passar os demônios, para afugentá-los, assim como nós penduramos bonecos de palha nas cerejeiras, para afastar os pássaros. Quando esses insulares saem durante a tarde ou à noite, período assombrado pelos passeios pelos passeios dos espíritos malfeitores, sempre levam consigo, como salvaguarda, uma cebola ou um dente de alho, uma faca, alguns pedaços de madeira; e quando as mães põem os filhos para dormir, não deixam de colocar um desses preventivos sob sua cabeça.

Os chiguleses cingaleses, para impedir que seus frutos sejam roubados, anunciam que os deram aos demônios. A partir desse momento ninguém mais ousa tocá-los.

Finalmente, no verbete *Sanaves* (*Sanaves*), o termo *madécasses*, gentílico usado em referência às mulheres da ilha de Madagascar, foi traduzido pelo decalque *madecassas*, também não encontrado em dicionários nem no VOLP. Foi substituído na revisão pela forma dicionarizada, *malgaxe*.

Figura 23: Verbetes *Sanaves* do original

Sanaves. Amulettes que les femmes madécasses portent au cou et aux poignets; ce sont des morceaux d'un bois odorant, enveloppés dans une toile; ils préservent de l'atteinte des sorciers.

Figura 24: Verbetes *Sanaves* da tradução

Sanaves. Amuleto que as mulheres madecassas malgaxes trazem no pescoço e nos punhos; são pedacinhos de certa madeira odorífera envolvidos num tecido; protegem contra a ameaça dos feiticeiros.

2.2.3 Traduções literais

Em três casos, a tradutora também optou pela tradução literal dos termos. No verbete *Astrologia* (*Astrologie*), os termos *trin aspect* e *aspect carré* foram traduzidos por *aspecto trino* e *aspecto quadrado*, respectivamente.

Figura 25: Verbete *Astrologie* do original – trecho 1

lions. Si trois signes de la même nature se rencontrent dans le ciel, comme, par exemple, le Bélier, le Lion et le Sagittaire; ces trois signes forment le *trin aspect*, parce qu'ils partagent le ciel en trois et qu'ils sont séparés l'un de l'autre par trois autres constellations. Cet aspect est bon et favorable.

Figura 26: Verbete *Astrologia* da tradução – trecho 1

indicadas pelas suas virtudes, suas qualidades e suas funções. Se três signos da mesma espécie se reúnem no céu, como, por exemplo, Áries, Leão e Sagitário, esses três signos formam ~~e um~~ aspecto trino-trígono, porque dividem o céu em três e são separados um do outro por três outras constelações. Tal aspecto é bom e favorável.

Figura 27: Verbete *Astrologie* do original – trecho 2

Quand ceux qui partagent le ciel en quatre, comme le Bélier avec l'Écrevisse, le Taureau avec le Lion, les Gémeaux avec la Vierge, se rencontrent dans le ciel, ils forment l'*aspect carré*, qui est mauvais.

Figura 28: Verbete *Astrologia* da tradução – trecho 2

Quando os que dividem o céu em quatro, como Áries e Câncer, Touro e Leão, Gêmeos e Virgem, se agrupam no céu, eles formam ~~e uma~~ aspecto quadradoquadratura, que é ~~mauá~~.

Como se nota nas marcas de revisão, após a revisão de tradução foram alterados para *trígono* e *quadratura*, acepções comuns na astrologia, que constam dos dicionários, como o Houaiss (2009):

trígono Datação: 1721

[..]

4 Rubrica: astrologia.

aspecto benéfico, segundo a astrologia, formado por dois astros posicionados a 120 graus de distância um do outro, no círculo do zodíaco

quadratura Datação: sXV

[...]

5 Rubrica: astrologia.

essa mesma configuração sobre o círculo do Zodíaco, aspecto considerado desafiante

Também foi literal a tradução apresentada no verbete *Estrelas* (*Étoiles*) para a expressão *étoiles qui filent*, traduzida por *estrelas que se deslocam*. A revisão de tradução substituiu essa escolha por uma expressão fixa, já consagrada em português: *estrelas cadentes*.

Figura 29: Verbetes *Étoiles* do original

Étoiles. Mahomet dit que les étoiles stables et les étoiles qui filent sont les sentinelles du ciel; elles empêchent les diables d'en approcher et de connaître les secrets de Dieu. Les Romains

Figura 30: Verbetes *Estrelas* da tradução

Estrelas. Maomé disse que as estrelas estáveis e as estrelas ~~que se deslocam~~ cadentes, são as sentinelas do céu; elas impedem que os diabos se aproximem e conheçam os segredos de Deus.

2.2.4 Inadequações ou singularidades

Finalmente, também são dignos de nota os casos em que não houve erro ou estratégia equivocada, e sim uma intervenção do revisor em sentido oposto ao escolhido pelo tradutor, uma escolha diferente. Esses casos não configuram erro por parte do tradutor, pois “são escolhas que alguns falantes conseguem justificar plenamente, mas que não são de aceitação unânime, por se tratarem de escolhas inconscientes”. (SANTOS, 2007, p. 46).

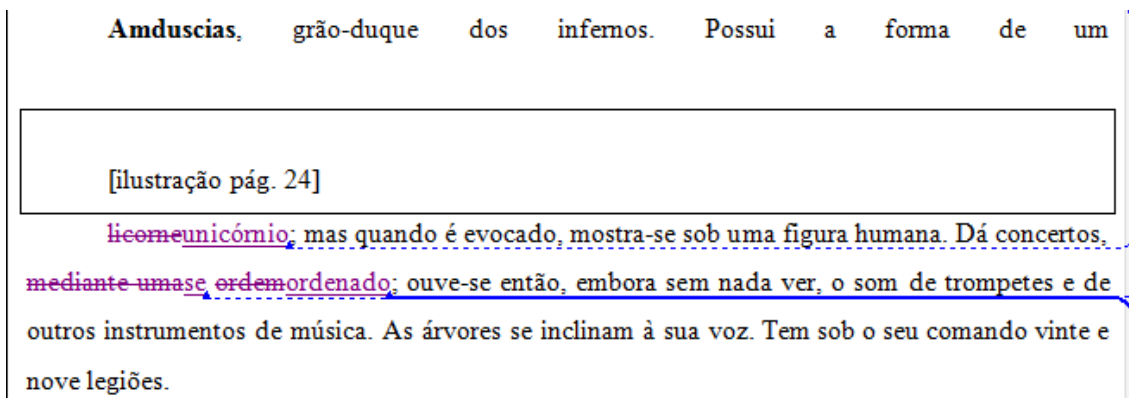
Nessas singularidades, o tradutor-revisor interveio tendo sempre em mente a adequação e a recepção do texto pelo público. São “casos em que uma modificação do revisor ocorre por uma questão de gosto pessoal e casos em que a alteração feita na revisão acaba por se provar uma opção mais feliz de tradução.” (SANTOS, 2007, p. 46).

São apresentados seis exemplos desse tipo de intervenção, nos verbetes *Amduscias* (*Amduscias*), *Alma condenada* (*Ame damnée*), *Cintas mágicas* (*Ceintures magiques*), *Champier* (*Champier*) e *Grimório* (*Grimoire*).

Na maioria das vezes o revisor interveio tendo como objetivo facilitar a compreensão do público leitor, levando-se em conta que este está diante de uma tradução que tenta aproximar de seu mundo o conteúdo do texto estrangeiro, naturalizando o exótico.

É o caso de *licorne*, traduzido para o português pelo mesmo termo, licorne, e substituído pelo tradutor-revisor pelo mais usual, *unicórnio*. Ainda que licorne seja reconhecido por vários dicionários¹⁰ e pelo VOLP, sua compreensão e associação com o animal mitológico não é imediata.

Figura 31: Verbete *Amduscias* da tradução



O mesmo se deu no verbete *Ame damnée*, traduzido como *alma danada* e substituído na revisão pelo sintagma mais conhecido, *alma condenada*.

Figura 32: Verbete *Ame damnée* do original

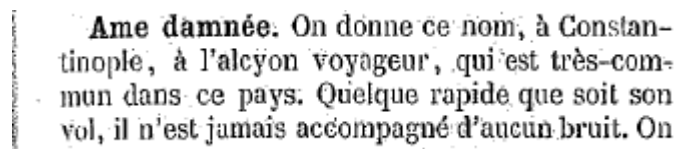


Figura 33: Verbete *Alma condenada* da tradução

Alma ~~cond~~denada. Nome que se dá, em Constantinopla, ao alcião-~~v~~viajante, ave bastante comum naquela região. Por mais rápido que seja o seu ~~vôe~~voo, jamais produz qualquer ruído.

O tradutor-revisor também interveio no sentido de evitar ambiguidade, como no caso de *fougère*, feto ou samambaia, no verbete *Cintas Mágicas*. O termo foi inicialmente traduzido por *feto*, correto do ponto de vista

¹⁰ O Houaiss eletrônico (2009) nos traz a seguinte definição:

licorne *Datação:* a1635
 substantivo masculino
 1 m.q. **unicórnio**
 2 Rubrica: ornitologia.
 m.q. **anhuma** (*Anhuma cornuta*)

da lexicografia, mas polissêmico.¹¹ Talvez provocasse uma imagem mental estranha ao leitor, caso este entendesse feto como embrião humano, o que seria até plausível em um livro com histórias tão fantásticas. Por essas razões, o termo *fougère* foi substituído na revisão por *samambaia*.

Figura 34: Verbetes *Ceintures magiques* do original

Ceintures magiques. Plusieurs livres de secrets vous apprendront qu'on guérit toutes sortes de maladies intérieures en faisant porter au malade une ceinture de fougère cueillie la veille de la Saint-Jean, à midi, et tressée de manière à former le caractère magique HVTY. Le synode tenu à Bordeaux en 1600 a condamné ce remède, et la raison, d'accord avec l'Église, le condamne tous les jours.

Figura 35: Verbetes *Cintas mágicas* da tradução

Cintas mágicas. Diversos livros de segredos afirmam que se podem curar todos os tipos de doenças interiores, fazendo com que o doente use uma cinta de ~~feto~~ samambaia colhida na véspera do dia de São João, ao meio-dia, e trançado de maneira a formar a inscrição mágica HVTY. O sínodo realizado em Bordeaux no ano de 1600 condenou esse remédio, e o bom senso, de acordo com a Igreja, ~~e condena-o~~ sempre.

Caso semelhante foi o do verboete *Alouette*, que significa calhandra, cotovia ou ainda mesmo qualquer pássara da família dos alaudídeos (HOUAISS, 2009). Foi inicialmente traduzido por *calhandra* e substituído após revisão pela designação *cotovia*, que também abarca toda a família de aves *Alaudidae* e soa mais familiar, menos lusa até, para um leitor brasileiro.

Figura 36: Verbetes *Alouette* do original

Alouette. Voy. CASSO.

¹¹ O Houaiss eletrônico (2009) têm duas entradas para *feto*: A primeira corresponde a: embrião de qualquer animal vivíparo, esp. dos vertebrados terrestres, depois que adquire aspecto semelhante ao do adulto; na espécie humana, ser em desenvolvimento no útero após o final do terceiro mês; e por extensão de sentido, início, germe de qualquer coisa passível de se desenvolver, de ter continuidade. Só na segunda entrada é que se encontra o equivalente a *fougère*: substantivo masculino, rubrica: pteridófitas. design. comum a todas as pteridófitas da classe das filicópsidas; fêntão, fento, fêvão, feito, correspondendo, portanto, à classe das samambaias.

Figura 37: Verbetes *Cotovia* da tradução

Calhandraotovia. Vide Casso.

No verbete referente ao ocultista Symphorien Champier, sua obra de 1503 intitulada *La nef des dames vertueuses*, foi traduzida como *A nave das damas virtuosas*, e substituída na revisão por *A nau das damas virtuosas*. Ainda que *nave* e *nau* sejam sinônimos, *nave* no sentido de embarcação é tido como diacronismo pelo dicionário Houaiss e antiquado pelo Caldas Aulete.

Figura 38: Verbetes *Champier* do original

Champier (Symphorien), Lyonnais du quinzième siècle, qui a publié en 1503 *la Nef des dames vertueuses*, en quatre livres mêlés de prose et de vers, dont le troisième contient les prophéties des sibylles. On l'a soupçonné à tort d'être l'auteur du traité des *Trois Imposteurs*; mais il a laissé un petit livre intitulé *De Triplici disciplina*. In-8°, Lyon, 1508. On lui doit aussi des dialogues sur la nécessité de poursuivre les magiciens¹.

Figura 39: Verbetes *Champier* da tradução

Champier (Symphorien), nascido em Lyon no século quinzeXV, — publicou em 1503 a Nave das damas virtuosas, em quatro livros entremeados de prosa e de verso, dos quais o terceiro contém as profecias das sibilas. Imaginou-se erroneamente que ele teria sido o autor do tratado dos Três Impostores; não obstante, deixou um pequeno livro intitulado De Triplici disciplina. In-8°, Lyon, 1508. Devem-se também a ele diálogos sobre a necessidade de se perseguir os mágicos¹. [1 Dialogus in magicarum artium destructionem. In-4°. Lyon, Balsarin, sem data (por volta de 1507).]

Em apenas um caso o tradutor-revisor atuou de forma estrangeirizante, optando por uma forma mais próxima à do original. O verbete *Grimoire* havia sido traduzido por *Livro de Magias*, substituído por *Grimório* na revisão de tradução. Nesta última etapa, entendeu-se não haver necessidade de explicar o termo – um grimório é um livro de magias –, uma vez que o termo *grimório* consta dos dicionários e do VOLP.

Além disso, há no mercado livreiro,¹² nas sessões de ocultismo, vários livros cujos títulos trazem o termo grimório, o que significa que não haveria grande estranhamento diante do termo por parte do público leitor. O *Grimório do Papa Honório*, citado no verbete, é um dos títulos disponíveis no mercado, o que ajudou a embasar a escolha do tradutor-revisor por um “equivalente semântico e pragmático”. (HOUSE, 2011, p. 247).

Figura 40: Verbetes *Grimoire* do original

Grimoire. Tout le monde sait qu'on fait venir le diable en lisant le *Grimoire*; mais il faut avoir soin, dès qu'il paraît, de lui jeter quelque chose à la tête, une savate, une souris, un chiffon, autrement on risque d'avoir le cou tordu. Le terrible petit volume connu sous le nom de *Grimoire*, autrefois tenu secret, était brûlé très-justement dès qu'il était saisi. Nous donnerons ici quelques notes sur les trois *Grimoires* les plus connus.

Grémoire (sic) du pape *Honorius*, avec un recueil des plus rares secrets; sous la rubrique de Rome, 1670, in-16, orné de figures et de cercles. Les cinquante premières pages ne contiennent que des conjurations. Voy. CONJURATIONS

Figura 40: Verbetes *Grimório* da tradução

Livro de Magia Grimório. Todo mundo sabe que é possível chamar o diabo ao ler-se o Livro de Magia Grimório; mas é preciso ter o cuidado, assim que ele aparece, de jogar-lhe qualquer coisa na cabeça, seja uma chinela, um rato, um trapo, pois de outro modo o operante se arisca a ter o pescoço torcido. O terrível e pequeno volume conhecido sob o nome de Grimório Livro de Magia, outrora mantido em segredo, era imediatamente queimado tão logo fosse apreendido. Daremos aqui algumas notas sobre os três Grimório Livros Mágicos mais conhecidos.

Grimório Livro de Magia do papa Honorius Honório, com uma coleção dos mais raros segredos; sob a rubrica de Roma, 1670, in-16, ornado de figuras e de círculos. As cinquenta primeiras páginas contêm apenas conjurações. Vide Conjurações e Evocações — Na Coleção

Os trechos modificados reproduzidos anteriormente mostram o caráter interventor da revisão de tradução, assim como o da revisão de textos. Para Santos (2007, p. 111), fica claro que

¹² Cf. os dez títulos em língua portuguesa correspondentes ao argumento de pesquisa “grimório” em <www.amazon.com.br>. Acesso em 18 ago. 2015.

a revisão é uma atividade interventora, assim como a tradução e qualquer outra atividade humana. Esperar que o revisor seja neutro e invisível, libertando-se de suas idiossincrasias, é um pedido impossível, ainda mais nestes tempos contemporâneos de prevalência de teorias não imanentistas do significado, que defendem que o leitor — neste caso, o revisor — também participa ativamente da construção do sentido.

Embora não se possa falar em criação, com exceção de pequenos textos retraduzidos, o trabalho do revisor de tradução é imprescindível para que se obtenha a boa qualidade de um produto editorial, mantendo o padrão da publicação e da terminologia adotada e interferindo diretamente nos conteúdos, ao inserir termos mais precisos e realizando novas checagens de fontes e informações.

O tradutor-revisor imprime ao texto “terminal” suas escolhas pessoais, ainda que respaldadas por outras fontes e pela própria experiência profissional. Todas essas considerações evidenciam que, longe de ser uma atividade neutra e imparcial, a revisão de tradução participa ativamente da elaboração do texto e do material a ser publicado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na revisão de literatura sobre as teorias da tradução, fica claro que os desafios dos tradutores perduram há séculos, ainda que o entendimento sobre eles varie conforme o contexto histórico em que se inserem. Dilemas éticos como servir ao autor ou ao leitor, ao sistema de partida ou ao de chegada, à letra ou ao sentido, atormentam, mesmo que de forma inconsciente, o cotidiano da tradução, seja na prática ou na reflexão teórica acerca do processo.

O profissional responsável pela revisão da tradução não está livre dessas inquietações, uma vez que, além de ponderar acerca dos posicionamentos éticos e até políticos da tradução, também deve respeitar o estilo do colega que realizou a tradução, sem perder de vista que tem nas mãos um produto já na fase final de sua produção, que deve ser aperfeiçoado em sua forma e adequado a seu público-alvo e mercado consumidor.

Ao consultarmos a bibliografia referente à revisão de textos no mercado editorial, vemos que pouca atenção é devotada a essa fase da produção, que envolve tanto as habilidades de tradutor quanto as de revisor de textos e de provas, caracterizadas pelo cotejo de original e tradução e intervenções de várias naturezas.

No caso do *Dicionário Infernal*, foi fundamental a atuação do tradutor-revisor, munido de outras ferramentas de pesquisa e de seu conhecimento de mundo, para tornar a tradução mais adequada, substituindo determinadas escolhas por termos mais precisos e eliminando empréstimos e decalques – além de erros de vários tipos, binários e não binários. A tradução, que já era boa, passa por um processo de refinamento e controle de qualidade, o que resulta no aprimoramento do produto final. O trabalho de revisão de tradução passou por um processo de crítica de tradução e de retradução, em alguns trechos, antes mesmo de vir a público.

No entanto, apesar de interventora e determinante na qualidade de uma obra traduzida, essa atividade ainda é tida como menos importante, a julgar pelo pouco que se estuda e produz acerca de sua natureza. Atualmente a revisão de

tradução é tida como mais uma etapa mecânica da produção de livros, relegando-se o tradutor-revisor ao limite da invisibilidade.

O revisor de tradução ou tradutor-revisor chega a ser mais invisível do que os tradutores, que tanto clamam por visibilidade e por receberem os devidos créditos. Sabemos que “o tradutor pode revelar sua presença, não somente nas ‘Notas do Tradutor’, prefácios e posfácios, mas também exibir suas decisões e suas interpretações do texto traduzido, adotando uma postura de ‘visibilidade’ assumida.” (BATALHA; PONTES JR., 2007, p. 92).

E o revisor da tradução? Este não terá nome na capa, na ficha catalográfica, nem reconhecimento por ter melhorado a produção escrita de terceiros. Para Ribeiro (2005), “se as discussões sobre a visibilidade do tradutor e a conscientização sobre a nossa interação (e intervenção) com o texto original ainda geram polêmica, imaginem a (in)visibilidade do revisor como anda.”

Santos afirma que

Uma compreensão da revisão como uma atividade interventora e coprodutora de sentido nos obriga a repensar a posição do revisor no processo editorial e na relação com os outros profissionais que dele participam. Um perfil ideal de um revisor seria o de um profissional que tenha tanto ou mais conhecimento e experiência na área do que o escritor ou tradutor que ele está revisando. Isso ocorre porque, muitas vezes, a revisão é a etapa final antes da publicação ou distribuição do texto, sendo o revisor o responsável por dar a palavra final sobre a versão definitiva. Como observa Perissé, “é também o revisor quem mais sofre com as derrotas de um texto. Ele é o último homem (ou a última mulher) a ler o livro antes da fase de impressão gráfica, quando não há retorno” (2001, meio eletrônico). A responsabilidade e a autoridade depositadas nas mãos do revisor implicam a necessidade de ele ser um profissional capacitado e, conseqüentemente, bem remunerado e reconhecido no mercado. (SANTOS, 2007, p. 110).

Trabalhos como este, que expõem o antes e o depois da atuação do revisor em uma tradução, podem contribuir para que a importância dessa atividade seja reconhecida e investigada, tanto nos meios editoriais quanto acadêmicos – nesse caso, sobretudo em relação à crítica de tradução –, sem mencionar os nichos específicos de mercado, como os de localização de *softwares* e legendagem, cujos produtos não chegam ao público sem passar pelo crivo de um tradutor-revisor, ainda que invisível.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Célia; PAGANO, Adriana. *Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- ATHAYDE, Públio. *Revisão de textos: teoria e prática*. Belo Horizonte: Keimelion, 2011.
- BARBOSA, Eloísa Gonçalves. *Procedimentos técnicos de tradução: uma nova proposta*. 1.ed. Campinas: Pontes, 1990.
- BATALHA, Maria Cristina; PONTES JR., GERALDO. *Tradução*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BRISSAUD, Sophie. La lecture angoissée, ou la mort du correcteur. *Cahiers GUTenberg*, n. 31, p.38-44, 1998. Disponível em: <http://cahiers.gutenberg.eu.org/fitem?id=CG_1998__31_38_0>. Acesso em 18 jul. 2015.
- COELHO NETO, Aristides. *Crerios para revisão textual*. 2. ed. Brasília: Senac, 2008.
- D'ANDREA, Carlos F.B; RIBEIRO, Ana Elisa. Retextualizar e reescrever, editar e revisar: Reflexões sobre a produção de textos e as redes de produção editorial. *Veredas On Line – Atemática – 1/2010*, p. 64-74. PPG Linguística/UFJF – Juiz de Fora(MG) .
- FROTA, Maria Paula. *A singularidade na escrita tradutora: linguagem e subjetividade nos estudos da tradução, na lingüística e na psicanálise*. Campinas e São Paulo: Pontes e Fapesp, 2000.
- FROTA, Maria Paula. Erros e lapsos de tradução: um tema para o ensino. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 17, p. 141-156, set. 2008. ISSN 2175-7968. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6859/6411>>. Acesso em: 09 Jul. 2015. doi:<http://dx.doi.org/10.5007/6859>.
- GOULART, Rodrigo. *Assessoria de Imprensa*. Joinville: Clube de Autores, 2007.
- HOUAISS. Houaiss eletrônico: versão monousuário 1.0. Objetiva, 2009.
- HOUSE, Juliane. Translation quality assessment: Linguistic description versus social evaluation. *Meta: Translator's Journal*, v. 46, n. 2, p. 243-257, 2001.
- JAKOBSON, Roman. *Lingüística e Comunicação*. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

LAGES, Susana Kampff. *Walter Benjamin: Tradução e Melancolia*. São Paulo: Edusp, 2002.

OUSTINOFF, Michael. *Tradução: história, teoria e métodos*. São Paulo: Parábola, 2011.

PLANCY, Jacques Collin de. *Dictionnaire infernal: répertoire universel des êtres, des personnages, des livres [...] qui tiennent aux esprits, aux démons, aux sorciers [...]*. Paris: Henri Plon, 1863.

PYM, Anthony. *Epistemological problems in translation and its teaching – a seminar for thinking students*. Calaceit: Ediciones Caminade, 1993.

PYM, Anthony. "Translation error analysis and the interface with language teaching". In: DOLLERUP, Cay; LODDEGAARD, Anne (Eds.). *The Teaching of Translation*. Amsterdam: John Benjamins, 1992. p. 279-288.

QUERIDO, Alessandra Matias. *Entrelinhas e entre-línguas: as habilidades tradutórias na formação do tradutor*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2004.

RIBEIRO, Ana Elisa. "Em busca do texto perfeito: (in)distinções entre as atividades do editor de texto e do revisor de provas na produção de livros". *Anais do XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste*, Juiz de Fora (MG). São Paulo: Intercom, 2007

RIBEIRO, Gabriela Castelo Branco. Vai que é tua, revisor!. *Ccaps Translation and Localization*, n. 13, março 2005. Disponível em: <http://www.ccaps.net/newsletter/02-05/art_2pt.htm> e republicado em: <<http://www.translationdirectory.com/article1056portuguese.htm>>. Acesso em: 24 ago. 2015.

ROCHA, Harrison da. *Um novo paradigma de revisão de texto: discurso, gênero e multimodalidade*. 2012. xi, 246 f., il. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, 2012.

SAGER, Juan. *Language engineering and translation: consequences of automation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.

SANTOS, Clarisse Soares dos. *A revisão como atividade interventora no processo tradutório*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Orientador: Prof. Paulo Fernando Henriques Britto. Rio de Janeiro, 2007.

VENUTTI, Lawrence. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Bauru: EDUSC, 2002.

VENUTI, Lawrence (Ed.) *The Translation Studies Reader*. London/New York: Routledge, 2000.

VINAY, Jean-Paul; DARBELNET, Jean. *A Methodology for Translation*. Trans. By Juan C. Sager e M.-J. Hamel. In: VENUTI, Lawrence (Ed.) *The Translation Studies Reader*. London/New York: Routledge, 2000, p. 84-93.

YAMAZAKI, Cristina. "Editor de texto: quem é e o que faz". *Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Santos (SP). Intercom: São Paulo, 2007.

YAMAZAKI, Cristina. "Por uma edição de livros sem preconceitos". *Anais do XIII Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional*, Pelotas (RS). Intercom: São Paulo, 2008.